

Murilo Yukio Hiratomi

**PROJETO GRÁFICO-EDITORIAL SOBRE A HISTÓRIA DO
SAPATEADO NO BRASIL**

Projeto de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Design da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau em
Bacharel em Design.
Orientadora Profa. Dra. Mary Meürer

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Hiratomi, Murilo Yukio

Projeto Gráfico-editorial Sobre a História do Sapateado no Brasil /
Murilo Yukio Hiratomi ; orientadora, Mary Vonni Meurer, 2019;
p. 103

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Design,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Design. 2. Design Editorial. 3. Design de Livro. 4. Projeto gráfico-
editorial. 5. Sapateado. I. Meurer, Mary Vonni. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em Design. III. Título.

Murilo Yukio Hiratomi

**PROJETO GRÁFICO EDITORIAL SOBRE A HISTÓRIA DO
SAPATEADO NO BRASIL**

Este (a) Dissertação/Tese foi julgado(a) adequado(a) para
obtenção do Título de Bacharel em Design, e aprovado em sua forma
final pelo Curso de Design da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 27 de junho de 2019.

Prof^a. Marília Matos Gonçalves, Dra. Coordenadora do Curso de Design
UFSC

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Mary Vonni Meürer – UFSC

Prof. Dr. Israel Alcantara Braglia – UFSC

Prof^a. Me. Sharlene Melanie Martins de Araújo – IFSC



Prof^a. Dra. Mary Vonni Meürer
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado aos meus
amigos e família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais e minha família, que me apoiaram de diversas maneiras durante todo o meu crescimento. Sem vocês teria a oportunidade de fazer a minha graduação em outro estado.

A minha orientadora Mary Meürer que acreditou no meu trabalho e me ajudou a trilhar o caminho para concretizar esse trabalho. Obrigado pela paciência e pela flexibilidade das suas orientações que se adaptaram ao momento profissional que estava vivendo.

Aos meus amigos que me acompanham em tantos momentos e sempre tem algo a somar nas minhas vivências.

Por fim, agradeço todos os professores e colegas que, de alguma forma, me ajudaram a crescer profissionalmente.

RESUMO

Esse trabalho relata o processo do desenvolvimento do projeto gráfico-editorial de um livro sobre a história do sapateado no Brasil, da autora Bia Mattar. Para a concepção do livro foi empregada a metodologia design thinking, dividida nas etapas de inspiração, idealização e implementação. O relatório descreve as etapas de inspiração e idealização, que teve como passo final, a prototipação, resultando em protótipo do material em alta fidelidade. Como resultado, foi concebido livro que atende as necessidades do projeto, que englobam requisitos relacionadas ao conteúdo e ao público-alvo.

Palavras-chave: Design Editorial. Design thinking. Sapateado.

ABSTRACT

This report documents the developmental process of an editorial design project on a book about the history of tap dancing in Brazil by the author Bia Mattar. For the conceptualization of this book the design thinking methodology was employed, divided into 3 steps: inspiration, ideation and implementation. The report describes the process of the inspiration and ideation phases along with the resulting prototype. As a result, a book was created that adequately presents the project requirements related to the text content of the book as well as its target audience.

Keywords: Editorial Design. Design thinking. Tap dance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema da metodologia.....	16
Figura 2 - Mapa Mental para fase de inspiração	22
Figura 3 - Sapato de sapateado	24
Figura 4 - Cena do filme “Singin’ in the Rain”.....	26
Figura 5 - Mapa mental sobre o sapateado.....	28
Figura 6 - Pergunta 2 do questionário (seção 1).....	29
Figura 7 - Pergunta 3 do questionário (seção 1).....	30
Figura 8 - Pergunta 4 do questionário (seção 1).....	31
Figura 9 - Pergunta 5 do questionário (seção 1).....	32
Figura 10 - Pergunta 7 do questionário (seção 1).....	32
Figura 11 - Pergunta 8 do questionário (seção 1).....	33
Figura 12 - Pergunta 3 do questionário (seção 2).....	34
Figura 13 - Painel de estilo de vida.....	51
Figura 14 - Painel de expressão do produto	52
Figura 15 - Painel do tema visual.....	53
Figura 16 - Esquema de estruturação do projeto gráfico	55
Figura 17 - Proporção da página	56
Figura 18 - Tamanho da página	57
Figura 19 - Aproveitamento de papel.....	57
Figura 20 - Testes tipográficos (corpo de texto)	62
Figura 21 - Avaliação tipográfica (corpo de texto)	63
Figura 22 - Tipografia Crimson Text.....	63
Figura 23 - Teste tipográfico (display).....	65
Figura 24 - Avaliação tipográfica (display)	66
Figura 25 - Tipografia Open Sans	66
Figura 26 - Tamanho do tipo x idade.....	67
Figura 27 - Teste tipográfico (Crimson Text)	68
Figura 28 - Tamanho do módulo.....	68
Figura 29 - Tamanho final da página	69
Figura 30 - Formato final da página.....	70
Figura 31 - Tabela de Bringhurst para a composição de linhas	71
Figura 32 - Tamanho do alfabeto em pontos	72
Figura 33 - Tamanho ideal de colunas para o projeto	72
Figura 34 - Representação do diagrama.....	73
Figura 35 - <i>Spread</i> com linha de base ativada	74
Figura 36 - Variações Open Sans.....	75
Figura 37 - Variações Crimson Text.....	75
Figura 38 - Grafismos do projeto gráfico-editorial	76
Figura 39 - Fotografias do projeto	77

Figura 40 - Tom de amarelo do projeto gráfico	78
Figura 41 - Plataforma utilizada para organização de conteúdo (Trello)	79
Figura 42 - Espelho de paginação (parte 1).....	80
Figura 43 - Espelho de paginação (parte 2).....	81
Figura 44 - Layout de linha do tempo (página única)	82
Figura 45 - Layout de linha do tempo (<i>spread</i>).....	83
Figura 46 - Layout da seção sobre pessoas do sapateado (página única e <i>spread</i>).....	84
Figura 47 - Layout da seção sobre pessoas do sapateado sem foto (<i>spread</i>)	85
Figura 48 - Layout de lembranças fotográficas (<i>spread</i> e recorte de página).....	86
Figura 49 - Layout de abertura de capítulo (<i>spread</i> e texto rotacionado)	87
Figura 50 - Layout de sumário	88
Figura 51 - Frontispício, ficha técnica e cólofon.....	89
Figura 52 - Capa do livro	90
Figura 53 - Contracapa do livro	91
Figura 54 - Capa do livro (inteira).....	92
Figura 55 - Dimensões da capa	93
Figura 56 – <i>Mock-up</i> do livro fechado	94
Figura 57 - <i>Mock-up</i> do livro aberto	95
Figura 58 - <i>Mock-up</i> do capítulo sobre pessoas do sapateado.....	95
Figura 59 - <i>Mock-up</i> do capítulo sobre lembranças	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descritivo do similar #1.....	37
Quadro 2 - Análise do similar #1	38
Quadro 3 – Descritivo do similar #2.....	39
Quadro 4 – Análise do similar #2	40
Quadro 5 – Descritivo do similar #3.....	41
Quadro 6 – Análise do similar #3	42
Quadro 7 - Descritivo do similar #4.....	43
Quadro 8 - Análise do similar #4.....	44
Quadro 9 - Descritivo do similar #5.....	45
Quadro 10 - Análise do similar #5	46
Quadro 11 - Descritivo do similar #6.....	47
Quadro 12- Análise do similar #6.....	48
Quadro 13 - Briefing de criação.....	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Objetivos	14
1.1.1 Objetivo Geral.....	14
1.1.2 Objetivos Específicos	14
1.2 Justificativa	14
1.3. Delimitação do projeto	15
2. METODOLOGIA	15
2.1 Inspiração	17
2.2 Idealização	19
2.3 Implementação	20
3. DESENVOLVIMENTO	20
3.1 Briefing inicial	20
3.2. Mapa mental.....	21
3.2. Pesquisa sobre o sapateado	23
3.3. Questionário com público-alvo	29
3.4. Análise de similares	34
3.4.1 Similar #1.....	37
3.4.2 Similar #2.....	39
3.4.3 Similar #3.....	41
3.4.4 Similar #4.....	43
3.4.5 Similar #5.....	45
3.4.6 Similar #6.....	47
3.4.7 Discussão da Análise de Similares	49
3.5. Briefing de criação	49
3.5.1 Painéis semânticos.....	50
3.6 Estruturação do projeto gráfico	54
3.6.1. Predefinição da forma da página.....	55
3.6.2. Definição da tipografia	58
3.6.3. Estabelecimento da entrelinha	67

3.6.4. Determinação do módulo	68
3.6.5. Dimensão da forma da página e construção da grade	69
3.6.6. Representação do diagrama (largura de colunas e margens)	70
3.6.7. Configuração e ativação da linha de base	73
3.6.8. Padrão Gráfico.....	74
3.6.9. Colaboração	78
3.6.10. Distribuição de textos e imagens para compor a mancha gráfica (diagramação)	79
3.7. Elementos Materiais	89
3.7.1. Capa.....	90
3.7.2. Elementos técnicos	93
3.8 Prototipação	94
4 CONCLUSÃO	97
4.1. Desdobramentos futuros	98
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICE A – Pergunta dos questionário	101

1. INTRODUÇÃO

O sapateado é uma dança na qual o bailarino coordena movimentos com os sons produzidos pelos pés, com um sapato especial que possui um solado metálico. Sua origem tem influência de diversos grupos étnicos: africanos, europeus e norte-americanos. O sapateado como é conhecido hoje se popularizou nos Estados Unidos e o seu desenvolvimento está intimamente ligado a segregação racial da época, quando o racismo era evidente e brancos e negros não podiam dividir o palco, por exemplo. Com o advento do cinema e a popularização do sapateado pelos musicais da Broadway, cada vez mais o sapateado ganhava espaço não somente nos Estados Unidos, mas por vários lugares do mundo.

No Brasil o sapateado veio com influência norte americana, e tem expressão recente. Foi desenvolvido, principalmente por pessoas interessadas na dança que, na época, eram autodidatas, e foram construindo o cenário do sapateado brasileiro aos poucos e sem muitos recursos. Nesse contexto, é difícil encontrar informações sobre o tema, tanto nos meios digitais quanto nos impressos. As publicações são raras e de difícil acesso. Grande parte das informações vem sendo passadas pela comunidade do sapateado, de maneira informal, por meio de palestras ministradas em eventos.

O autor deste documento teve contato com Bia Mattar em uma palestra sobre o sapateado brasileiro. Mattar é uma sapateadora influente de Santa Catarina, que dá aulas de sapateado desde 1990 e foi pioneira no sapateado do estado, abrindo sua escola em 2005. Atualmente representa a ITA - Associação Internacional de Sapateado no Brasil. Neste contato foi proposto a realização de um trabalho colaborativo, para criar um livro sobre o sapateado no Brasil, de modo que Mattar desenvolve o conteúdo textual do livro e o autor deste documento elabora o projeto gráfico.

A proposta do livro surge da necessidade de suprir a falta de informação sobre esse estilo de dança em um suporte com maior durabilidade, visto que atualmente as informações vêm sendo passadas de maneira informal e podem se perder com facilidade com o passar do tempo.

A elaboração de livro está intimamente relacionada ao design gráfico, que envolve o planejamento e organização visual e textual de vários artefatos para estabelecer uma boa comunicação. A publicação impressa envolve a área do design editorial que é uma das áreas do design. De acordo com Castro e Souza (2018) o projeto gráfico-editorial é o que determina a organização visual e textual do material, levando em conta aspectos ergonômicos, aspectos técnicos, o perfil cultural do público e o

contexto o que os cerca. Sendo assim, no desenvolvimento de um bom projeto gráfico, é imprescindível a utilização de metodologia que ofereça ferramentas de pesquisa e criação, a fim de explorar os aspectos que o design editorial trabalha e que se enquadre no contexto do projeto.

Nesse sentido, a metodologia do design thinking abrange as necessidades do projeto, que envolve um trabalho colaborativo do designer com a autora do livro. De acordo com Brown (2010), o design thinking é bastante flexível e vem sendo usado não somente por designers, mas para vários profissionais de diversos segmentos do mercado. A metodologia envolve o pensar como designer, relacionando as necessidades humanas do usuário com o aparato técnico disponível em cada projeto, se utilizando de ferramentas para incentivar o processo criativo.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Conceber o projeto gráfico de um livro sobre o sapateado no Brasil pela visão da autora Bia Mattar.

1.1.2 Objetivos Específicos

- 1) Utilizar a metodologia do design thinking no desenvolvimento do projeto, de forma a buscar a melhor solução para os envolvidos no projeto e o público final.
- 2) Compreender e explorar a temática da história do sapateado brasileiro.
- 3) Conceber o projeto gráfico do livro para registrar e contribuir com a preservação da história do desenvolvimento do sapateado no Brasil.

1.2 Justificativa

A definição da área do design que seria trabalhada no Projeto de Conclusão de Curso se deu pela afinidade do autor deste documento com a área do design editorial. Já o tema do projeto, foi definido por conta do autor estar inserido no meio da dança e do sapateado.

Em contato com Bia Mattar, foi identificado a carência de publicações impressas sobre o sapateado no Brasil. As informações sobre o tema do projeto são passadas principalmente de modo verbal e pela internet, e com o passar do tempo elas podem se perder. A publicação

impresa é uma forma de dar uma permanência maior a essas informações de modo a facilitar o acesso a esse conteúdo.

1.3. Delimitação do projeto

O projeto foi delimitado a elaboração do projeto gráfico de um livro sobre o sapateado no Brasil que foi desenvolvido durante as disciplinas de PCC 1 e PCC 2. Ficou a cargo do autor deste documento apenas a elaboração do projeto gráfico. O conteúdo textual, bem como as fotografias utilizadas no projeto, foram fornecidas por Bia Mattar. O resultado final foi um protótipo de alta fidelidade, a título de reflexão acadêmica. Pretende-se que o material seja publicado futuramente, sendo esse processo fora do escopo do Projeto de Conclusão de Curso.

2. METODOLOGIA

A inspiração do projeto veio de uma necessidade de registrar e preservar o que a sapateadora Bia Mattar pesquisou e vivenciou em relação ao desenvolvimento do sapateado brasileiro por isso, o produto final do projeto é um livro sobre o sapateado no Brasil. A temática do projeto não havia sido explorada e aprofundada ainda, e não haviam diretrizes e direcionamentos para a produção deste livro. O próprio conteúdo textual não havia sido delimitado nem produzido. Dessa forma, buscou-se utilizar uma metodologia que permitisse um trabalho colaborativo de forma que a produção de conteúdo e a concepção do projeto gráfico se desenvolvessem de forma unida.

De acordo com Pazmino (2015), método é entendido como um conjunto de técnicas utilizadas com um objetivo específico. Nesse sentido, em um projeto de design, utiliza-se ferramentas para o planejamento, coleta, análise e síntese das informações com a finalidade de desenvolver algo. Como o escopo de trabalho de um designer é muito abrangente, existem uma grande gama de metodologias disponíveis.

Como o contexto de projeto mostrou-se amplo e exigia a colaboração entre o designer e a autora do livro, optou-se pela metodologia do design thinking. Brown (2010) considera a metodologia bastante flexível, descreve-a como poderosa, eficiente e acessível, que pode ser usada em todos os aspectos da sociedade que envolvem as necessidades humanas. O design thinking envolve o pensar como designer, ou seja, relacionar as necessidades do indivíduo com o aparato técnico disponível. Nesse sentido, utiliza-se uma variedade ferramentas para investigar o tema e contexto do projeto em questão.

Segundo Brown (2010) o design thinking possui pontos de referência que formam a metodologia: inspiração; idealização e implementação. A seguir um esquema visual da metodologia adaptado a este projeto:

Figura 1 - Esquema da metodologia



Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Brown (2010)

A metodologia do design thinking segue um processo cíclico e não linear, de forma que esses 3 pontos de referência, podem se sobrepor. Sugere-se a experimentação rápida das ideias como forma do processo de criação, as etapas que já foram passadas podem ser enriquecidas a medida que o conhecimento sobre o entorno do tema do projeto evolui. O projeto foi dividido nas 3 macroetapas já mencionadas: inspiração, idealização e implementação.

2.1 Inspiração

A fase de inspiração envolve o levantamento de dados, pesquisa e análise. Procura-se investigar, de maneira ampla, todo o entorno do problema a ser resolvido pelo designer, que será a base para a geração de insights para a fase de criação. A metodologia do design thinking permite o uso de diversas ferramentas para a fase de inspiração, a utilização delas depende do contexto do projeto. As ferramentas utilizadas neste projeto serão abordadas a seguir.

a. Mapa Mental

A elaboração de um mapa mental é processo livre sem muitas regras. Parte-se de um tema central que é destrinchado e relacionados a outros temas e assuntos pertinentes de forma gráfica, utilizando palavras e imagens simples. Segundo Lupton (2013), os mapas mentais permitem, de forma rápida, investigar o contexto geral e criar associações a problemática do projeto.

a. Briefing

Segundo Ambrose e Harris (2011), no processo de design, primeiro é preciso definir o problema que o projeto resolverá. A definição desse problema geralmente envolve o recebimento ou a criação de um briefing, que representa os objetivos e as solicitações do cliente. A complexidade e o formato são muito variados, podem surgir de uma solicitação escrita, ou de uma conversa. As informações do briefing precisam estar bem definidas e alinhadas com o objetivo de projeto, de forma que isso auxilie na produção de uma solução precisa.

Sendo o design thinking um processo contínuo e cíclico, o briefing dá direções para questionar o problema definido. De acordo com Lupton (2012) os designers e os clientes, a priori, tendem a pensar de forma superficial e restrita sobre os problemas de projeto, o que limita o êxito do resultado. As ideias iniciais surgem em grande quantidade, superficiais e sem apego. Durante o desenvolvimento do projeto, essa

grande quantidade de ideias é filtrada, e as soluções com maior probabilidade de êxito vão restando para serem refinadas com as ferramentas da metodologia.

O briefing inicial pode começar amplo e genérico, mas com passar das etapas do projeto, ele deve ser refinado. Segundo Lupton (2012) o briefing pode passar por um processo de síntese de informações, de forma que o cliente, colaboradores e as pesquisas sobre o tema de projeto, reduzam o seu escopo. É importante que as metas e direcionamentos estejam bem definidas em um briefing de criação para começar o processo de desenvolvimento das soluções.

c. Questionário

O questionário, segundo Ambrose e Harris (2011), é uma das maneiras de coletar informações qualitativas e quantitativas do público-alvo, utilizando um conjunto de perguntas. As informações quantitativas ajudam o designer a estabelecer uma visão das dimensões físicas do mercado-alvo, já as qualitativas auxiliam no entendimento do que envolve usuário, como tomada de decisões, preferências e etc. A elaboração de um questionário é sugerida pelos autores quando não há informações disponíveis.

d. Pesquisa Visual

A pesquisa visual, conforme Lupton (2012), envolve a coleta de fontes de inspiração para o designer e a análise dessa inspiração por diversos ângulos. São levados em conta tanto aspectos físicos como a cor, textura e formas como aspectos do imaginário, como sensações e impressões que o objeto em questão expressa.

e. Painéis Semânticos

Baxter (2000) defende que os produtos devem transmitir emoções. Como forma de alcançar isso no desenvolvimento de novos produtos, o autor propõe a concepção 3 painéis semânticos: painel de estilo de vida; painel da expressão do produto e painel do tema visual. Eles expressam ideias através de imagem que auxiliam o designer a identificar e sintetizar as informações necessárias para tornar o produto emotivo.

2.2 Idealização

A fase de idealização é a fase de busca soluções depois de ter passado pela fase de pesquisa e definido o briefing de criação. De acordo com Brown (2010) é aqui que as ideias são geradas, desenvolvidas e testadas. Nesse momento, alternativas de layout são criadas e avaliadas para atingir a melhor solução possível. Para a criação do projeto gráfico as seguintes etapas foram feitas:

a. Estruturação do Projeto Gráfico

Durante a estruturação do projeto gráfico é criado todas as diretrizes que o livro deve seguir durante a fase de diagramação. De acordo com Castro e Souza (2018), nesse momento, o designer deve ponderar diversos aspectos da publicação, como formato, suporte e público a fim de criar um guia que possa flexibilizar e orientar a fase do conteúdo.

b. Colaboração

De acordo com Lupton (2012), uma boa colaboração no trabalho de design cria algo novo e não apenas junta várias partes e ideias de pessoas diferentes. Para que isso ocorra, a autora pontua que os designers não podem deixar a sua individualidade atrapalhar o seu trabalho em equipe. Sugere-se que a equipe esteja sempre aberta para ouvir e dar *feedbacks*, sempre buscando ter encontros presenciais com um clima descontraído.

c. Diagramação

Segundo Castro e Souza (2018), a diagramação é a distribuição de textos e imagens dentro da área útil de impressão. É apoiada na estrutura base do projeto gráfico editorial já concebido.

d. Prototipação

Segundo Ambrose e Harris (2011) a prototipação permite o designer a testar uma ideia de várias maneiras a fim de medir o êxito das soluções. Nesse sentido, seguindo a lógica do design thinking que sugere um processo cíclico, a prototipação é presente em todos os estágios da metodologia, estando presentes em testes tanto físico quanto digitais, com a utilização de *mockups* e testes de impressão, por exemplo.

2.3 Implementação

A fase de implementação, de acordo com Brown (2010), envolve o projeto de design que foi aprovado ser produzido e ser implementado no mercado. Representa a etapa final, envolve o processo de produção, bem como o custo para concretizar o produto.

No caso deste projeto, primeiro será necessário buscar editais para a coleta de fundos para a produção do livro. Essa fase do projeto não será contemplada no Projeto de Conclusão de Curso, visto que a implementação desse material terá data posterior ao término do projeto.

3. DESENVOLVIMENTO

Levando em conta o contexto do projeto e o processo da metodologia design thinking já introduzida, inicia-se o desenvolvimento com a etapa de inspiração.

3.1 Briefing inicial

O briefing do projeto em questão surgiu de um diálogo com Bia Mattar, uma sapateadora influente de Santa Catarina que presenciou e auxiliou o desenvolvimento do sapateado no Brasil. A necessidade de registrar a sua vivência e conhecimento sobre a evolução do sapateado brasileiro, deu origem a um briefing inicial, apenas com ideias e direcionamentos para o projeto.

Nesse sentido, firmou-se uma parceria para o desenvolvimento do projeto gráfico de um livro sobre a história do sapateado no Brasil pela visão da autora. O processo de desenvolvimento do projeto se tornou colaborativo envolvendo duas áreas diferentes: o design, responsável pela concepção do projeto gráfico e o o conteúdo, que redigi os textos sobre o sapateado. A colaboração é percebida no momento em que existe o intercâmbio de informações entre as duas áreas para a tomada de decisões do projeto.

Os primeiros direcionamentos e definições do briefing foram definidos utilizando os elementos mencionados por Phillips (2007) como básicos, com algumas adaptações para o projeto. A seguir o resultado:

a. Natureza do projeto e contexto

Existem poucas publicações sobre sapateado. É o caso do livro “A Arte do Sapateado” de Amália Machado e Flávio Salles, que foi publicado em

2003 e atualmente é difícil encontra-lo. Grande parte das publicações são estrangeiras e não abordam a história do sapateado brasileiro.

Nesse contexto, as informações correm o risco de se perderem com o passar do tempo, visto que são passadas na maioria das vezes informalmente. Por isso, há a necessidade de projetar um livro sobre a história do sapateado brasileiro, com o intuito de registrar o conhecimento de Bia Mattar sobre o desenvolvimento da modalidade de dança. Um ponto importante do projeto é que, por desejo da autora, o desenvolvimento do livro permaneceu em segredo.

b. Análise Setorial

O sapateado é uma dança praticada em diversos territórios do Brasil, existem grandes festivais sobre o tema, como o Tap in Rio por exemplo. Em relação ao que é produzido de design gráfico, não se encontra uma identidade bem definida entre os materiais (revistas, livros, sites, etc).

c. Público-alvo

Pessoas ligadas a dança interessadas em conhecer um pouco sobre o desenvolvimento do sapateado brasileiro. Busca-se atingir principalmente o público jovem que não conhece a história do sapateado no Brasil.

d. Orçamento do projeto

Busca-se investimento externo para viabilizar o projeto, por meio de editais relacionados à cultura. Pretende-se que o livro seja distribuído em escolas de dança, festivais de sapateado, e em eventos de dança no geral.

e. Prazos

A concepção do projeto gráfico fica de acordo com o cronograma do PCC do aluno, sendo o segundo semestre de 2018 dedicado a coleta de informações, e o primeiro semestre de 2019 a concepção do projeto gráfico do livro. Já o conteúdo textual será produzido por Bia Mattar no segundo semestre de 2018 e início de 2019.

3.2. Mapa mental

Foi concebido um mapa mental da fase de inspiração da metodologia do design thinking a fim de organizar e definir os elementos a serem trabalhados e pesquisados. A seguir o mapa mental:

Figura 2 - Mapa Mental para fase de inspiração



Fonte: Desenvolvido pelo autor

O mapa mental formou 2 direções distintas. A primeira relaciona-se a parte operacional de pesquisa da metodologia do design thinking, partindo da palavra imersão. A segunda parte da palavra produto, que é o objeto a ser desenvolvido pelo projeto. Essa parte

expressa os elementos que serão trabalhados na concepção do projeto gráfico.

Sendo assim, ao analisar a primeira direção do mapa mental relacionado a metodologia do design thinking, definiu-se que seria feito:

- Pesquisa sobre o sapateado, para compreender melhor a história e como ele se desenvolveu no Brasil.
- Questionário para compreender melhor o público-alvo do projeto.
- Análise de similares utilizando a pesquisa visual para coletar referências.
- Briefing de criação, resumindo as informações coletadas em diretrizes para a concepção do projeto gráfico.

Em relação a segunda direção do mapa mental, que se relaciona aos elementos de um projeto gráfico-editorial definiu-se que seria trabalhado com os seguintes elementos:

- Tipografia
- Cor
- Grid
- Imagens
- Papel
- Acabamentos

O próximo passo da fase de inspiração envolveu pesquisar sobre o sapateado, para poder aplicar os pontos-chave da pesquisa no projeto gráfico do livro.

3.2. Pesquisa sobre o sapateado

“O sapateado é considerado uma arte que utiliza a linguagem do movimento e do som” (LEWIS, 2016). O sapateador utiliza um calçado especial com solado metálico nas pontas dos pés e calcanhares que amplificam o som dos impactos entre o chão e o sapato. A manipulação dessas duas chapas de metal, coordenadas com o movimento do corpo, produzem uma variedade enorme de passos e combinações que são utilizados para criar músicas e ritmos. Machado e Salles (2003), descrevem-no como uma arte visual e sonora, que envolve a mistura de ritmos, técnicas, movimentos e estilos.

Figura 3 - Sapato de sapateado



Fonte: Cute Calendar¹

De acordo com Lewis (2016), a origem do sapateado envolve uma série de influências de vários grupos étnicos, nações e culturas. No livro de Machado e Salles (2003), algumas das influências do sapateado são abordadas, sendo uma das primeiras localizadas na Irlanda. No século V os irlandeses desenvolviam uma dança que era similar ao sapateado. Por conta do clima da região, utiliza-se vestimentas e sapatos pesados que faziam barulho ao andar. Desenvolveu-se o *Irish Jig*, uma dança folclórica em que o bailarino cria movimentos com as pernas e os pés, sem preocupação com a parte superior do corpo.

Outra influência do sapateado, segundo Machados e Salles (2003), ocorre no século XVIII. Durante a Revolução Industrial, na Inglaterra, por conta do ambiente fabril e as péssimas condições de trabalho, os trabalhadores utilizavam sapatos recortados em madeira sólida como forma de proteger os pés. Esses calçados eram chamados de *clogs*. Nos intervalos e momentos de lazer eles iam às ruas para se descontraírem. Nesses encontros, uma dança com os pés começou a ser desenvolvida, pouco a pouco ela assumiu caráter competitivo. No início do século XIX os *clogs* se mostraram perigosos e inadequados aos usuários e foram substituídos por calçados de couro com moedas inglesas aparafusadas nas pontas e nos calcanhares do calçado, assim, passaram a ser chamados de *tap*.

¹ "National Tap Dance Day 2019 - May 25, 2019 - Cute Calendar." <https://www.cute-calendar.com/event/national-tap-dance-day/34910.html>. Acessado em 17 nov. 2018.

O continente africano também contribuiu para a formação do sapateado. As tribos africanas tinham danças tribais que utilizavam tambores como percussão. As movimentações não eram apenas dos pés, mas do corpo todo, de forma vibrante e selvagem. De acordo com Machado e Salles (2003), o homem branco teve o primeiro contato com essa dança durante as viagens marítimas entre África e América, quando os negros eram levados para trabalhar como escravos no Novo Continente. No século XVIII, por causa das revoltas e rebeliões organizadas pelos escravos em protesto às condições de vida, os instrumentos de percussão foram proibidos, uma vez que esses eram essenciais para a comunicação das rebeliões. De acordo com Lewis (2016), essa proibição fez com que a dança ganhasse sons rítmicos emitidos pelo corpo, que podem ser observados no sapateado atual.

Segundo Machado e Salles (2003), o século XIX marca uma grande influência do negro no entretenimento norte-americano. A população buscava novas formas de entretenimento e foi nessa época que surgiram os shows de menestréis. Tratava-se de apresentações de humor, nas quais os brancos pintavam o rosto de preto para interpretar personagens negros estereotipados. Esse tipo de entretenimento abriu espaço para apresentações de dança, que influenciaram o desenvolvimento do sapateado. Devido à grande segregação racial presente na época, não se permitia que brancos e negros dividissem o palco. Esse tipo de entretenimento permaneceu forte até metade da década de 70, e foi perdendo força à medida que o país entrava em legislação de igualdade racial.

Na metade do século XIX, em alguns bares, cervejarias e palcos, aconteciam as primeiras trocas entre imigrantes ingleses, irlandeses e negros recém-libertados. O intercâmbio de técnicas que aconteciam nesses encontros iniciou o desenvolvimento do que hoje se conhece como sapateado, Machado e Salles (2003).

No fim do século XIX, com o declínio dos shows de menestréis, surgiu mais um tipo de entretenimento, o *vaudeville*. Era um espetáculo de variedades, envolvendo comédia, acrobacia, música, dança e teatro. De acordo com Machado e Salles (2003) o sapateado ganhou grande popularidade nessa época. A segregação racial ainda ocorria fazendo com que existissem circuitos distintos de apresentação de brancos e negros. Durante a virada do século, surgiam comédias musicais e os teatros de revistas na Broadway, que popularizaram ainda mais o sapateado e ajudaram a quebrar as barreiras que a segregação racial havia imposto.

Em 1927, com o advento do cinema sonoro, surgem os primeiros filmes com dança de Hollywood. O sapateado ganhou ainda mais força:

“A febre do sapateado nos teatros de Nova Iorque contagia Hollywood e esta dança torna-se a menina dos olhos dos produtores e diretores.” (Machado e Salles, 2003, p. 24). Em 1952, o filme “Singin’ in the Rain” aparece nas telas com foco no sapateado, foi um grande sucesso que, por conta da qualidade da produção, é cultuado até nos dias de hoje. A popularização gerada pelo cinema, auxiliou a expansão do sapateado pelo mundo.

Figura 4 - Cena do filme “Singin’ in the Rain”



Fonte: Billboard²

Em relação ao sapateado no Brasil, existem poucas fontes de informação sobre o assunto. Segundo Bia Mattar, o sapateado demorou para chegar no Brasil, porém, teve uma ascensão rápida por volta dos anos 90. Grande parte dos professores desenvolveram sua técnica sendo autodidatas, copiando profissionais norte-americanos de fitas VHS. Mattar revelou que não existe uma linguagem própria do sapateado brasileiro, sendo a execução e os passos da dança iguais ao sapateado norte-americano. O que acontece é que, por o sapateado ser musical, utiliza-se ritmos brasileiros e expressões brasileiras aplicadas ao estilo do sapateado norte-americano.

Um grande marco para o sapateado no Brasil foi a Sapateata, organizada em 1991, no dia 25 de maio. Hoje o 25 é o dia Internacional do Sapateado. O evento contou com professores estrangeiros e a reunião de sapateadores de todo o Brasil. Foi importante para discutir as

² "Gene Kelly's 'Singin' in the Rain' Suit Up For Sale | Billboard." 3 dez. 2013, <https://www.billboard.com/articles/news/5812320/gene-kellys-singin-in-the-rain-suit-up-for-sale>. Acessado em 1 jun. 2019.

necessidades e preocupações do desenvolvimento da arte do sapateado nacional.

Ao realizar essa pesquisa, nota-se que o sapateado tem uma origem e história fortemente relacionada à segregação racial e ao intercâmbio de culturas. No Brasil, constata-se que o desenvolvimento do sapateado surgiu de um trabalho colaborativo de pessoas envolvidas no meio, que tiveram um grande esforço disseminar a arte no Brasil. Mattar afirma que era difícil conseguir informações e aprendizado na época. Era necessário ter dinheiro para viajar, comprar livros e etc.

A título de inspiração para o projeto, foi elaborado um mapa mental sobre o sapateado depois de realizar esta pesquisa. Ele serviu como apoio às próximas etapas da metodologia do design thinking.

Figura 5 - Mapa mental sobre o sapateado



Fonte: Desenvolvido pelo autor

O próximo passo da fase de inspiração da metodologia design thinking teve como objetivo conhecer melhor o público-alvo por meio de um questionário online.

3.3. Questionário com público-alvo

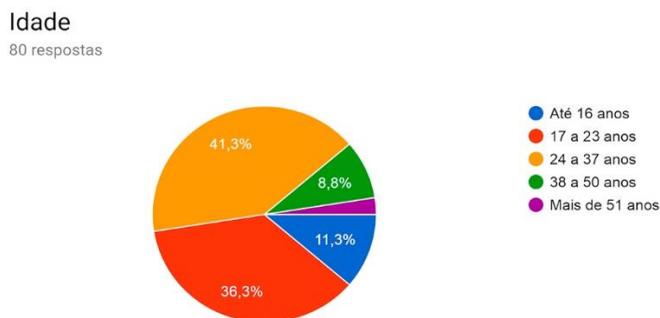
Com o intuito de conhecer melhor o público-alvo, um questionário foi formulado. A necessidade de manter o desenvolvimento do livro em sigilo fez com que as perguntas fossem criadas de maneira genérica, evitando que o leitor tirasse conclusões sobre o produto final deste projeto. Após a pesquisa ser formulada, ela foi adicionada ao Google Forms, plataforma gratuita para o disparo de pesquisas.

A coleta de respostas começou no dia 29/10/2018 e foi até o dia 05/11/2018. A pesquisa foi aplicada em várias escolas de dança, sendo divulgados pelo autor deste documento e por Bia Mattar. Foram coletadas 80 respostas no total. As perguntas podem ser encontradas no apêndice A.

Os dados demográficos coletados são o sexo e a idade dos participantes. Em relação ao sexo, constatou-se que 61 dos 80 respondentes são do sexo feminino, representando a maioria de 76%.

Em relação a idade, as respostas de múltipla escolha foram divididas entre intervalos de idade que representam os diferentes grupos geracionais. O primeiro deles, “Mais de 51 anos” é a geração de *baby boomers*, de acordo com Furucho et. al. (2015), são pessoas que nasceram no fim da Segunda Guerra Mundial e viveram o período de crescimento econômico. Esse grupo representa apenas 2% dos respondentes.

Figura 6 - Pergunta 2 do questionário (seção 1)



Fonte: Desenvolvido pelo autor

O segundo grupo geracional, a Geração X, é representada pela resposta “38 a 50 anos”. Essa geração viveu grandes momentos políticos e sociais, como a Guerra Fria, queda do Muro de Berlim e o surgimento da AIDS, Lombardia (2008). Foi um período de desenvolvimento

tecnológico é uma geração que foi bastante influenciada pela televisão. Representam 8% dos entrevistados. A autora do livro do projeto se enquadra nessa geração.

O terceiro grupo geracional é a Geração Y, representada pela resposta “24 a 37 anos”. São filhos dos *baby boomers* e das primeiras pessoas da geração X. De acordo com Lombardia (2008), é uma geração independente que viveu um avanço e mudanças rápidas, que inclui o impacto da popularização da internet. Por isso, preferem o recebimento de informações de maneira rápida e dinâmica, não estando acostumados a processos longos e trabalhosos. Dos 80 respondentes, 33 se enquadram nessa geração, representando 41%. Representam uma alta porcentagem da amostra coletada. Sendo importante adequar a linguagem do projeto gráfico a essa geração, visto que o conteúdo textual será redigido por uma pessoa da geração passada.

O último grupo geracional do questionário é a Geração Z, também chamados de Nativos Digitais. É representado pelas respostas “17 a 23 anos” e “até 16 anos”, as duas idades foram separadas para identificar separar o público infante-juvenil. A geração Z, diferente da anterior, não viveu uma época sem internet e telefone celular, por isso, estão acostumados a utilizar essas tecnologias nas tarefas do dia-a-dia. De acordo com Ceretta e Froemming (2011), eles cresceram desde o berço acostumados com a tecnologia. As suas relações são fortemente influenciadas por recursos digitais e tecnológicos. A Geração Z, tem grande peso na amostra, representando 36% (17 a 23 anos) e 11,3% (até 16 anos). A próxima pergunta está relacionada às modalidades de dança:

Figura 7 - Pergunta 3 do questionário (seção 1)

Qual modalidade de dança você pratica? (você pode marcar mais de uma opção)

80 respostas



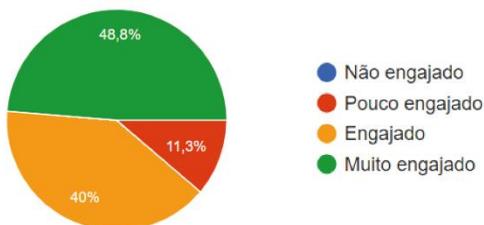
Fonte: Desenvolvido pelo autor

Nota-se que o sapateado é bastante praticado entre os respondentes da amostra. A possibilidade de marcar mais de uma opção fez com que a soma das porcentagens passasse dos 200%, infere-se então, que é comum que se pratique mais de uma modalidade de dança. Outro ponto que o questionário revelou sobre os participantes da pesquisa, é o nível de envolvimento com a dança:

Figura 8 - Pergunta 4 do questionário (seção 1)

Você se considera engajado com a(s) modalidade(s) de dança que você pratica? (Vai a eventos, treina com frequência, participa de projetos, dá aulas, etc.)

80 respostas



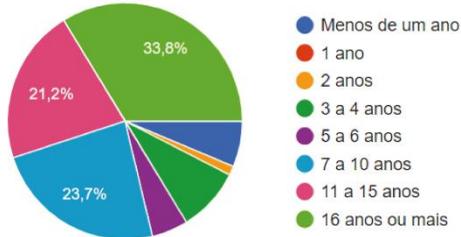
Fonte: Desenvolvido pelo autor

Grande parte dos respondentes são engajados com o mundo da dança. Não houveram respostas de “Não engajado” na amostra de 80 pessoas. Outra informação coletada diz respeito ao tempo que o participante pratica a dança:

Figura 9 - Pergunta 5 do questionário (seção 1)

A quanto tempo você dança?

80 respostas



Fonte: Desenvolvido pelo autor

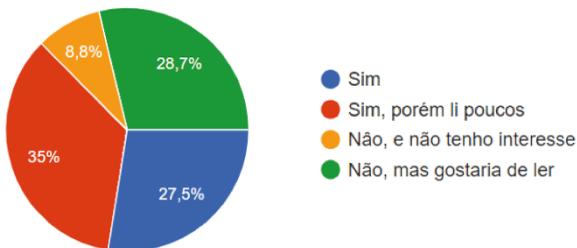
É interessante notar que nenhum dos entrevistados responderam que dançam a “Menos de um ano”, “1 ano” e “2 anos” afirmaram ser “Muito engajado” na pergunta anterior. Assim, infere-se que há uma relação proporcional ao tempo de prática com o engajamento.

O hábito de leitura dos participantes da pesquisa também foi investigado. Apenas 8% revelaram que não tem o hábito de ler, 38% sinalizaram ler com pouca frequência e 42% disseram que tem o hábito de ler. Também foi questionado se os entrevistados já haviam lido livros com a temática da dança:

Figura 10 - Pergunta 7 do questionário (seção 1)

Você já leu livros relacionados a dança?

80 respostas



Fonte: Desenvolvido pelo autor

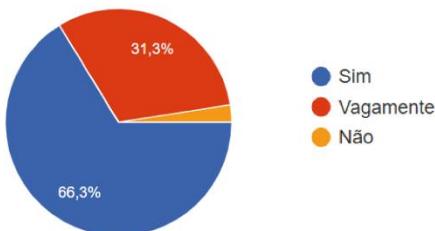
Grande parte dos entrevistados já tiveram contato esse tipo de material. A pergunta do questionário revelou números positivos em

relação ao interesse do público por esse tipo de conteúdo, visto que apenas 8% respondeu não ter interesse pelo assunto. As próximas perguntas são relacionadas ao conhecimento do entrevistado sobre o desenvolvimento e história da modalidade praticada:

Figura 11 - Pergunta 8 do questionário (seção 1)

Você tem conhecimento das origens, história e desenvolvimento da modalidade de dança que você pratica?

80 respostas



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Constatou-se que grande parte da amostra tem algum conhecimento sobre o tema, apenas 2 entrevistados responderam que não. Para adquirir esse conhecimento, 83% dos respondentes revelaram ter feito alguma pesquisa sobre o tema. Ao serem indagados se essas informações foram fáceis de serem encontradas, 70% das revelou que não foi fácil. Isso mostra que o sapateado não é a única modalidade de dança que tem informações de difícil acesso. Por fim procurou-se identificar os suportes utilizados pelos entrevistados para realizarem as pesquisas sobre o tema:

Figura 12 - Pergunta 3 do questionário (seção 2)

Onde você buscou essas informações?

78 respostas



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Essa resposta reflete o comportamento dos grupos geracionais da Geração Y e Z, que possuem grande peso na amostra e estão acostumados a utilizar a internet como forma de pesquisa rápida. A resposta de “Cursos/Workshops” reforça a ideia de que as informações sobre a história e o desenvolvimento das danças são passadas de maneira informal e verbal, conforme já contextualizado neste documento. Isso justifica a necessidade de um registro escrito, um livro sobre o assunto, que tem uma conservação e permanência maior da informação do que os outros suportes apresentados nessa pergunta.

Assim, conclui-se que o público-alvo abrange ambos os sexos, tendo uma representação maior no sexo feminino; está situado entre as gerações Y e Z e estão fortemente engajados com a dança.

Seguindo o que foi definido no mapa mental, a próxima etapa da metodologia envolve pesquisar o que já foi criado e está relacionado ao projeto. Foi realizada uma análise de similares para esse propósito.

3.4. Análise de similares

A análise de similares reuniu referências para servirem de inspiração para o projeto. Os materiais gráficos foram analisados de acordo com os elementos que foram definidos por meio do mapa mental, são eles:

a. Tipografia

A tipografia expressa uma ideia escrita. Dessa forma, o designer pode escolher o tipo de forma a corroborar com a intenção do texto ou da organização criadora do conteúdo. Segundo Ambrose e Harris (2012), a tipografia pode passar sensações ao leitor, impactar a legibilidade do texto, ou expressar uma ideia, por isso, deve passar por uma seleção criteriosa.

b. Cor

A cor é um elemento expressivo a ser trabalhado. Ela pode ser utilizada de maneira expressiva para passar sensações e mensagens. Também pode ser utilizada de forma mais técnica, criando contraste para alterar a legibilidade dos materiais. Segundo Lupton (2008), a cor pode ser utilizada para aguçar os sentidos do leitor e codificar uma informação. A cor não tem um significado universal, e varia de cultura para cultura. Por isso, é importante conhecer o usuário final do produto, para que a intenção do designer esteja alinhada com a interpretação do usuário.

c. Grid

O grid é o elemento que orienta o layout do projeto gráfico. É representado por linhas com distanciamento igual que se cruzam, formando pontos de intersecção que orientam os elementos das páginas. Ambrose e Harris (2012) afirma que o grid cria consistência entre as diferentes páginas do projeto gráfico.

d. Imagens

As imagens são fundamentais para um projeto gráfico. Podem ser utilizadas para preencher espaços vazios, dar respiro para os blocos de texto e expressar ideias de maneira criativa e rápida. É importante que o designer alinhe a apresentação das imagens com a intenção expressiva desejada para o projeto. Uma simples mudança de posição pode afetar a forma que o leitor interpretará. Ambrose e Harris (2012) cita o exemplo de como uma imagem de casa pode representar sentidos diferentes dependendo do contexto. No sentido denotativo, ela pode representar um lar, mas já no sentido conotativo, ela pode representar família ou segurança.

e. Papel

De acordo com Ambrose e Harris (2012), os diferentes tipos de papéis afetam o modo que o produto final irá ficar. As diferentes especificidades

de cada suporte devem ser levadas em conta na hora da seleção, como gramatura, opacidade e textura. Também é importante se adequar ao contexto do projeto, levando em conta o orçamento disponível.

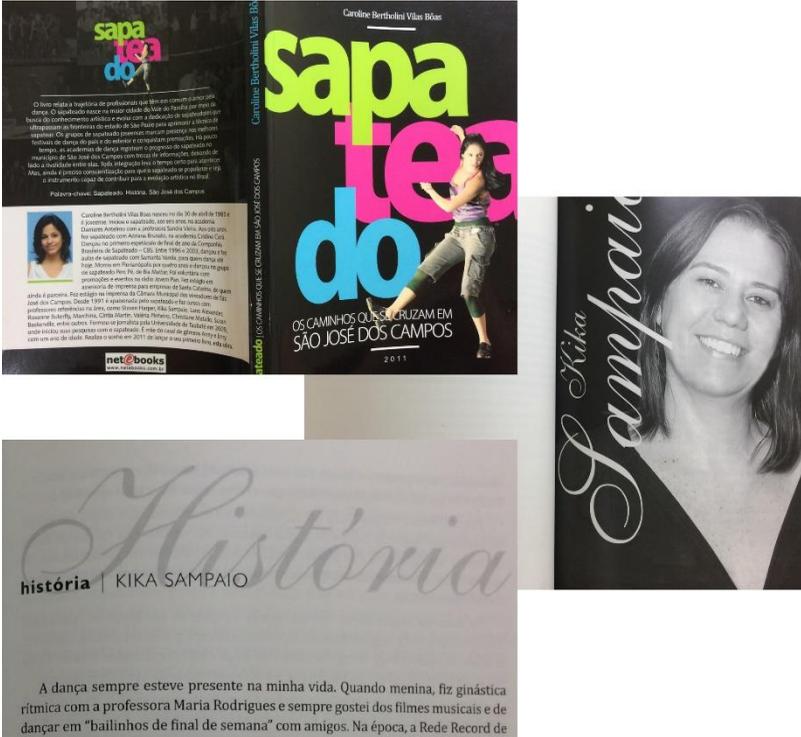
g. Acabamentos

Os acabamentos são as técnicas de impressão e manipulação que modificam a aparência e aspectos do produto final. Envolvem cortes, vincos, laminações, técnicas de impressão, entre outros. Ambrose e Harris (2012) afirma que apesar dos acabamentos geralmente aumentarem o preço do processo de produção, conferem dinamismo as peças confeccionadas.

Levando em conta estes elementos, foram analisados 6 materiais similares:

3.4.1 Similar #1

Quadro 1 - Descritivo do similar #1

<p>Nome: Sapateado: os caminhos que se cruzam em São José dos Campos</p>	<p>Ano: 2011</p>
<p>Motivo da análise: Possui um conteúdo similar a proposta do projeto. Dá um panorama geral sobre pessoas envolvidas com o sapateado na cidade de São José dos Campos.</p>	
<p style="text-align: center;">Imagens:</p>  <p>The collage features several key elements: the front cover of the book 'Sapateado: os caminhos que se cruzam em São José dos Campos' by Caroline Bertholini Vilas Bôas, showing a woman in a dynamic pose; a smaller version of the book cover with a portrait of the author; a portrait of Kika Sampaio; and a book cover for 'história KIKA SAMPAIO' with the text: 'A dança sempre esteve presente na minha vida. Quando menina, fiz ginástica rítmica com a professora Maria Rodrigues e sempre gostei dos filmes musicais e de dançar em "bailinhos de final de semana" com amigos. Na época, a Rede Record de</p>	
<p>Fonte: Quadro - Desenvolvido pelo autor Imagens – Fotografado pelo autor</p>	

Quadro 2 - Análise do similar #1

<p>Tipografia: no corpo de texto, utilizou-se um tipo com serifa. Os subtítulos dos capítulos utilizam uma fonte sem serifa em caixa alta. Nas aberturas de capítulo, uma fonte display caligráfica é utilizada.</p>
<p>Cor: monocromia nas páginas internas, policromia apenas na capa.</p>
<p>Grid: Diagrama retangular em toda a extensão do material com texto justificado.</p>
<p>Imagens: utiliza-se apenas fotografias como imagem. Não foi utilizado ícones nem ilustrações.</p>
<p>Papel: papel brilhante com uma gramatura maior que a do offset convencional, de textura lisa.</p>
<p>Acabamentos: a capa possui uma laminação brilhante com lombada quadrada com cola.</p>
<p>Análise: O livro em questão é bastante simples. O projeto gráfico é bastante constante e previsível no que diz respeito à diagramação. Em relação ao visual do livro, a utilização das tipografias cursivas combinadas as fotos das pessoas passam uma sensação calorosa. Já em relação a tipografia do corpo de texto, por possuir serifa tem uma boa legibilidade.</p>

Fonte: Desenvolvido pelo autor

3.4.2 Similar #2

Quadro 3 – Descritivo do similar #2

Nome: Pequeno Manual de Corpos e Danças	Ano: 2007
Motivo da análise: o assunto é relacionado a dança e o projeto é cultural, com patrocínio da Petrobras, similar ao contexto do projeto deste documento.	
<p style="text-align: center;">Imagens:</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div data-bbox="303 416 669 703"> <p>O Pequeno Manual de Corpos e Danças, de Eliana Carneiro, tem por objetivo uma leitura para os educadores, em que se reflete a realidade cultural para a expressão corporal da criança e do adolescente.</p> <p>As possibilidades que um trabalho de corpo, no nível de sala e em escola, pode oferecer e desenvolver aos alunos, tanto no que diz respeito à formação do indivíduo, sua socialização, sua auto-estima e sua autoconsciência, bem como ao reconhecimento de várias possibilidades expressivas e de comunicação de corpo. Nesse sentido, este Manual faz uma abordagem para a formação e o trabalho a respeito da arte do movimento na escola brasileira.</p> <p>Este trabalho se desenvolve a partir das possibilidades oferecidas por um conjunto de atividades, jogos e exercícios que contemplam a criatividade, a expressão e a comunicação corpórea.</p> <p>A publicação do Pequeno Manual de Corpos e Danças, responsável de uma EPD, é uma ferramenta didática, prática e objetiva para os professores, uma base de referência para consulta, um apoio para novas propostas de expressão corporal, e uma possibilidade para trazer perspectivas de interação de linguagem na educação artística.</p> <p>Esta publicação foi contraindicada pelo PRÊMIO FERNANDEZ DE DANÇA KLEBER VIANNA/2006, com o patrocínio da PETROBRAS.</p> </div> <div data-bbox="672 416 1005 703"> <p style="text-align: center;">Pequeno Manual de Corpos e Danças</p> <p style="text-align: center;">Eliana Carneiro</p> </div> </div> <div style="margin-top: 20px;"> <p>Alerta (3):</p> <p style="text-align: center;">Explorar o espaço</p> <p>Com músicas, explorar vários tipos de caminhadas em todas as direções possíveis. Caminhar para a frente, para trás, para o lado, cruzando</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 10px;"> <div data-bbox="303 906 669 1157"> <p>Pés</p> <p>Para de costas para frente</p> <p>Deslocar o corpo, deslocando o eixo com uma direção.</p> <p>Seguir caminhos imaginários percorrendo as direções: formas (retas) caminhos podem ser retos ou curvos, em zigzag.</p> <p>Deslocar o eixo de forma (retos) deslocando, em linha, em zigzag.</p> <p>“Trabalhar” o “eixo” para frente, modo como fazer um passo para frente, pisado (como um gigante) para pisar – seguir um caminho imaginário no plano, para pisar, etc.</p> </div> <div data-bbox="672 906 1005 1157"> <p>Com músicas, explorar vários tipos de caminhada em todas as direções possíveis.</p> <p>Caminhar para a frente, para trás, para o lado, cruzando no diagonal, no plano dos pés, com passos largos, passos curtos, deslocando, saltando.</p> <p>Faz deslizar (lado a lado), fazer os mesmos passos que um dos parceiros (deslocando o eixo de lateral).</p> <p>Dado a dois (frente a frente), repetir os passos do outro no sentido contrário (interior) quando um vai para frente, o outro vai para trás e assim sucessivamente.</p> <p>Faz deslizar, ocupando todo o espaço da sala, estabelecer um diálogo corporal de passos, caminhar, encontrar e desconectar, em tempo lento e rápido, deslocando sempre mudanças intencional e opostas.</p> <p>Inaugurar, no solo, pontos para os quais deverão sair deslizar: primeiro rapidamente, depois, em tempo normal e, por último, muito lentamente.</p> <p>Estes pontos podem variar tanto no tempo e no espaço e podem ser localizados de cima com uma determinação pelo corpo que inicia o movimento, por exemplo: ir até um ponto escolhido pelo colega (de frente).</p> <p>Inaugurar-se dentro de uma área de toda a sala que se expande e se contrai, deixando o corpo acompanhar todo esse processo de expansão e recolhimento.</p> </div> </div> </div>	

Fonte: Quadro - Desenvolvido pelo autor
Imagens – Fotografado pelo autor

Quadro 4 – Análise do similar #2

Tipografia: utiliza-se apenas uma família tipográfica com serifa, variando os pesos para criar a hierarquia do texto.
Cor: monocromia. Não há policromia no material analisado.
Grid: Diagrama retangular em toda a extensão do material, com variações de tamanho e forma de acordo com as imagens da página. O texto tem alinhamento a esquerda e eventualmente está centralizado.
Imagens: as imagens são compostas por fotografias. Na última página há uma ilustração infantil. As fotos possuem fundo transparente e são dispostas de maneira criativa no projeto gráfico. Em alguns momentos, servem como margem para o corpo de texto, já em outros, serve como imagem de fundo, utilizando transparência.
Papel: papel brilhante com gramatura um pouco acima do offset 90g convencional. A gramatura do papel da capa é maior que das páginas internas.
Acabamentos: não possui laminações. Lombada canoa com grampos.
Análise: O material analisado tem um projeto gráfico bastante característico. As imagens seguem o mesmo padrão e a diagramação das páginas está sempre mudando, não há uma coluna fixa de texto. Os textos são curtos e diagramados a direita, a tipografia serifada auxilia a manter a legibilidade. O livro tem uma identidade bastante consistente.

Fonte: Desenvolvido pelo autor

3.4.3 Similar #3

Quadro 5 – Descritivo do similar #3

Nome: Sapateado: fundamentos e técnicas	Ano: 2016
Motivo da análise: apesar do livro ter caráter instrucional, o tema do livro é o sapateado.	
<p style="text-align: center;">Imagens:</p>  <p>Figura 3.6 Movimentos articulares: (a) flexão e extensão, (b) abdução e adução e (c) rotação e circundução.</p>	

Fonte: Quadro - Desenvolvido pelo autor
Imagens – Fotografado pelo autor

Quadro 6 – Análise do similar #3

<p>Tipografia: utiliza-se uma tipografia sem serifa para títulos e subtítulos. No corpo de texto é usada uma tipografia com serifa, com o eventual uso do negrito para destacar algumas palavras.</p>
<p>Cor: a identidade do projeto gráfico se apoia na cor azul. O livro é todo em policromia.</p>
<p>Grid: Diagrama retangular em toda a extensão do material com texto justificado. Em algumas páginas há tabelas de curiosidades que invadem a coluna de texto.</p>
<p>Imagens: o livro utiliza imagens com caráter instrucional, dando instruções ou ilustrando uma situação ou ideia. Essas imagens seguem uma identidade própria, por exemplo, nas fotografias, todos os modelos fotografados estão utilizando uma camiseta azul. No fim do livro, algumas fotos se destoam desse padrão, visto que são históricas. Também é utilizado ilustrações e ícones.</p>
<p>Papel: papel brilhante com gramatura baixa, similar ou igual ao offset 90g. A capa possui um papel com gramatura maior.</p>
<p>Acabamentos: a capa e contracapa possui laminação fosca com verniz localizado no título e no grafismo azul. A lombada é quadrada e com cola.</p>
<p>Análise: O livro em questão é tem um projeto gráfico bastante sóbrio. A coluna de texto permanece a mesma sendo invadida apenas com quadros de curiosidades. As ilustrações e imagens presentes auxiliam no entendimento da informação, são bastante claras e organizadas.</p>

Fonte: Desenvolvido pelo autor

3.4.4 Similar #4

Quadro 7 - Descritivo do similar #4

<p>Nome: Cena Aberta: o primeiro ato de um espetáculo que não pode parar</p>	<p>Ano: 1998</p>
<p>Motivo da análise: está relacionado a dança e possui um projeto gráfico visual e interessante</p>	
<p style="text-align: center;">Imagens:</p> <p>The collage consists of several elements: <ul style="list-style-type: none"> A poster for 'Um Projeto para a Cultura Brasileira' showing a couple in a dance pose, with the title 'CeNa Aberta' and logos for 'Ministério da Cultura' and 'Brasil'. A list of names and roles for the production, including: Rocio Alcázar, Nêcio Barros, Paulo Martins, João Batista, Rocio Barros, Aluisio Paiva, Gertrudes Alves, Ribot de Faria, Cibele Tavares, Rocio Alcázar, Adilson Daniel Mendes, Adenilson Nêcio Barros, Antônio Felipe do Centro de Oportunidades, Adilson Ricardo de Pinheiro, Operador de Surt., Lúcia Faria, Operador de Luz, Tomaz Ribeiro de Faria, Cenário: Maria Carolina, Diretor de Cena: Alan Castro, Elenco: Humberto (nome: Álvaro Dias), André Cordeiro, Nêcio Barros, Marcos Cordeiro, João Pinheiro e grande elenco, COP: os participantes das oficinas, Participação Especial: Paulo Assis. A photograph of the cast members standing together. A quote from Genesis 1:26-31: 'Então Deus disse: façamos o homem a nossa imagem e semelhança. E assim se fez. E Deus viu tudo o que havia feito e tudo era muito bom. Gen 1:26-31'. A paragraph describing the performance: 'In'perfeito tem oito cenas. Sete dias tem o Gênesis. No oitavo, o homem que substitui Deus e torna-se criador e criatura. Em uma ideia básica, In'perfeito trata do homem e de sua necessidade de resposta aos mistérios da origem e da concepção. Tratado que manipula moléculas e cromossomos em laboratório, tentando recriar o que nunca existiu'. </p>	

Fonte: Quadro - Desenvolvido pelo autor
Imagens – Fotografado pelo autor

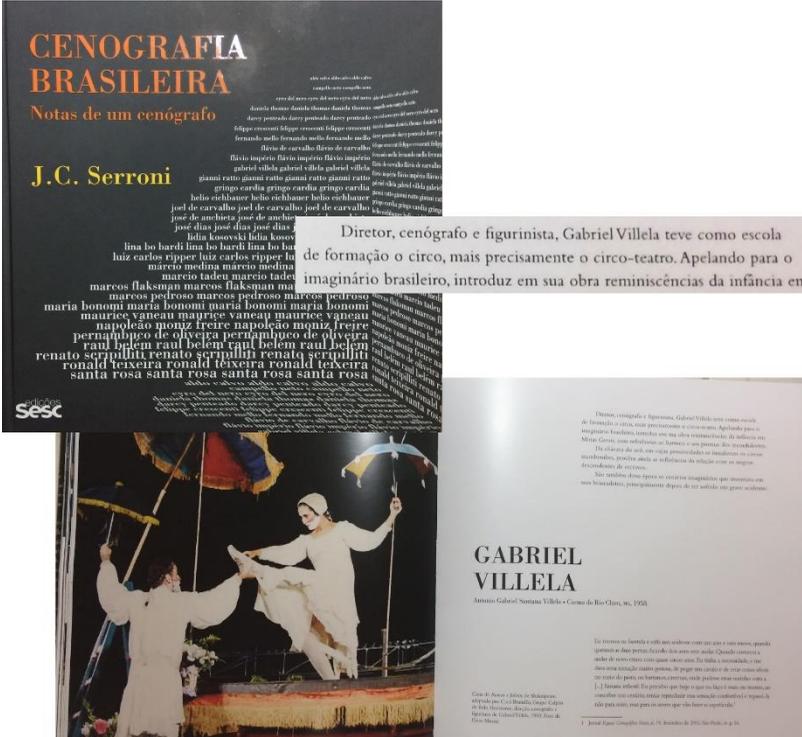
Quadro 8 - Análise do similar #4

<p>Tipografia: a fonte utilizada no corpo de texto é bastante geométrica e sem serifa. É utilizada uma fonte display emulativa, que copia a aparência de um estêncil.</p>
<p>Cor: utiliza a policromia na maioria das páginas. A cor predominante no projeto gráfico varia de acordo com o capítulo.</p>
<p>Grid: O diagrama do material varia entre retangular e colunar (2 colunas). O corpo de texto está sempre justificado, porém os outros elementos textuais variam o alinhamento.</p>
<p>Imagens: as imagens são compostas por fotos com visual bastante dramático, algumas delas possuem um tratamento de imagem especial que cria uma textura.</p>
<p>Papel: papel brilhante com gramatura baixa, similar ou igual ao offset 90. A capa tem gramatura maior.</p>
<p>Acabamentos: lombada quadrada com cola</p>
<p>Análise: O projeto gráfico do livro em questão é bastante expressivo. As fotos presentes possuem textura e a diagramação está sempre mudando. Existem citações, frases, espaços vazios, e blocos coloridos entre o conteúdo textual, isso cria dinamismo e capta a atenção do leitor.</p>

Fonte: Desenvolvido pelo autor

3.4.5 Similar #5

Quadro 9 - Descritivo do similar #5

Nome: Cenografia Brasileira: notas de um cenógrafo	Ano: 2013
Motivo da análise: Projeto gráfico interessante e disposição do conteúdo textual similar.	
<p style="text-align: center;">Imagens:</p>  <p style="text-align: center;">Diretor, cenógrafo e figurinista, Gabriel Villela teve como escola de formação o circo, mais precisamente o circo-teatro. Apelo para o imaginário brasileiro, introduz em sua obra reminiscências da infância em</p> <p style="text-align: center;">GABRIEL VILLELA Arquivo Gabriel Serroni Villela e Camila de Rio Claro, 1993</p> <p style="text-align: center;">Fonte: Quadro - Desenvolvido pelo autor Imagens – Fotografado pelo autor</p>	

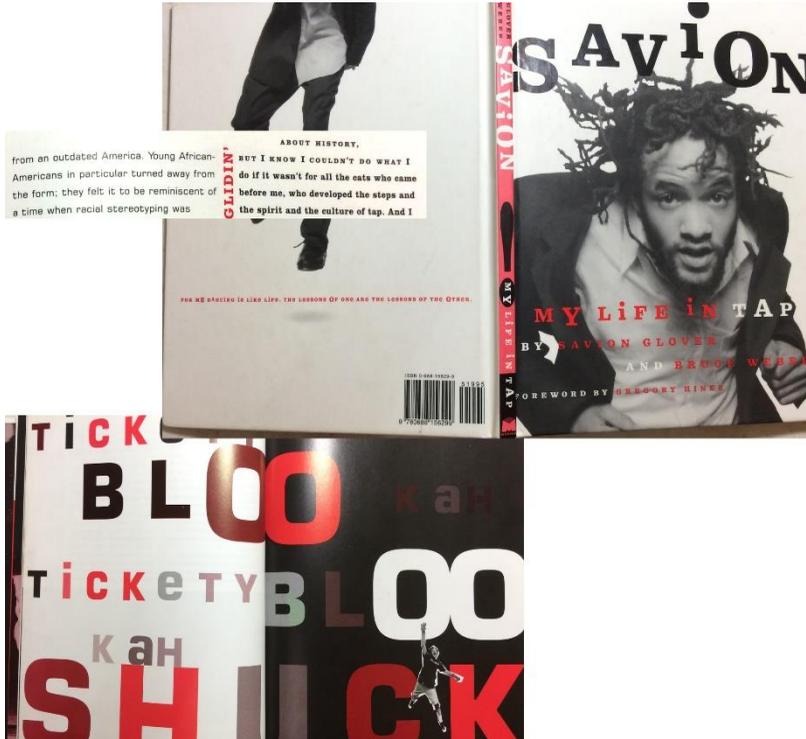
Quadro 10 - Análise do similar #5

<p>Tipografia: utiliza-se apenas uma família tipográfica com serifa nas páginas internas do livro. Na capa utiliza-se outra fonte, também serifada, porém com classificação didônica.</p>
<p>Cor: não há uma identidade baseada nas cores no projeto gráfico, as páginas com imagens possuem policromia. Já a capa, utiliza a monocromia para dar destaque ao nome do livro e o nome do autor, que estão destacadas nas cores laranja e amarelo em fundo cinza monocromático.</p>
<p>Grid: Diagrama colunar sendo uma das colunas textuais e a outra de imagens. O texto é alinhado a esquerda.</p>
<p>Imagens: as imagens são fotografias, não se utiliza o tratamento de imagem para dar uma unidade a elas. Não é utilizado ilustrações ou ícones.</p>
<p>Papel: utiliza um papel fosco de gramatura alta nas páginas internas.</p>
<p>Acabamentos: capa dura com lombada quadrada com costura. A capa possui uma textura emborrachada e verniz localizado no título do livro.</p>
<p>Análise: O projeto gráfico do livro é bastante consistente, utiliza-se uma coluna maior para o texto e uma menor onde são inseridas as imagens. Nas aberturas de capítulo uma imagem foto ocupa a folha inteira, e o título do capítulo interrompe a coluna textual. É um livro bastante chamativo pelo tamanho e acabamentos. A capa utiliza a tipografia de modo a formar uma imagem.</p>

Fonte: Desenvolvido pelo autor

3.4.6 Similar #6

Quadro 11 - Descritivo do similar #6

Nome: Savion!: My life in Tap	Ano: 2000
Motivo da análise: O tema do livro é o sapateado e ele possui um projeto gráfico interessante	
<p style="text-align: center;">Imagens:</p>  <p>The image displays two book covers. The top cover is for the book 'Savion! My Life in Tap' by Savion Glover and Bruce Weber. The cover features a black and white photograph of a man with his head tilted back, wearing a tap shoe on his head. The title 'Savion!' is written in large, bold, black letters at the top, and 'MY LIFE IN TAP' is written in red below it. The authors' names are listed at the bottom. A quote from 'GLEDIN'' is visible on the left side of the cover. The bottom cover is for the book 'TICKET TO BLOO' by KAH SHICK. The cover features a black and white photograph of a man in a tap shoe, with the title 'TICKET TO BLOO' written in large, bold, red and white letters. The author's name 'KAH SHICK' is written in red below the title.</p>	

Fonte: Quadro - Desenvolvido pelo autor
Imagens – Fotografado pelo autor

Quadro 12- Análise do similar #6

Tipografia: utiliza-se uma tipografia com serifa espessa para o corpo de texto. Para destacar os títulos a fonte fica em caixa alta e é manipulada com grafismos e tem o seu espaçamento padrão trocado.
Cor: tanto nos elementos textuais quanto nas fotografias a cor vermelha está presente. Isso gera uma unidade para o projeto gráfico.
Grid: O diagrama varia entre retangular e colunar (2 colunas). O texto é alinhado a esquerda.
Imagens: as imagens são fotografias em preto e branco e às vezes com o vermelho inserido na escala de cinza. É interessante notar também que a tipografia também vira imagem em algumas páginas. Texto e palavras são dispostos de maneira a formar uma composição.
Papel: papel brilhante com gramatura baixa, similar ou igual ao offset 90.
Acabamentos: capa dura de lombada quadrada com cola e verniz localizado no título do livro.
Análise: O livro analisado tem um projeto gráfico bastante expressivo. É um livro centrado no autor e sua vivência, bastante similar ao projeto deste documento. As cores e as imagens possuem uma unidade e a diagramação é bastante dinâmica.

Fonte: Desenvolvido pelo autor

3.4.7 Discussão da Análise de Similares

Fazer a pesquisa visual de similares deu um panorama geral dos materiais sobre sapateado. Os livros analisados com o tema de sapateado geralmente possuem uma diagramação sóbria, sem muitos recursos visuais, com exceção do Savion!: My life in Tap.

Em relação a tipografia, nota-se uma predominância de fontes com serifa, provavelmente por serem consideradas, de forma geral, mais legíveis. Constatou-se também que a tipografia pode ser utilizada como imagem, dependendo da forma que o tipo é manipulado. Esse recurso pode ajudar a deixar o projeto gráfico a ficar dinâmico, bem como dar um respiro do corpo de texto ao leitor. Já em relação às cores nota-se a utilização delas para dar consistência ao projeto gráfico.

As imagens são predominantemente fotografias. A utilização do tratamento de imagem para dar uma unidade a variedade de imagens dos livros pode ser uma solução interessante para este projeto, visto que terão fontes diversas de fotografias. Outro ponto interessante são as ilustrações do livro “Sapateado: fundamentos e técnicas”. Elas ajudam a passar a informação rapidamente para o leitor

Em relação aos formatos, papel e acabamentos, nota-se que a maioria dos livros não possuem nada muito custoso ou sofisticado. Entre os exemplares analisados, observa-se a predominância da utilização da capa com papel mais espesso, de lombadas quadradas com cola. Essa escolha provavelmente está relacionada intimamente ao custo de produção dos materiais e não tanto com a expressividade.

Após coletar os insumos necessários para definir as diretrizes de concepção do projeto gráfico, o briefing de criação foi feito.

3.5. Briefing de criação

Por meio das pesquisas realizadas foi possível confirmar o contexto apresentado no início do projeto. Nota-se que existem poucas publicações e materiais gráficos sobre o sapateado brasileiro e não há uma identidade marcada entre elas. O levantamento inicial de informações foi refinado para um briefing de criação, com as informações pesquisadas e os direcionamentos provenientes do trabalho colaborativo do autor deste documento e a autora do livro. A seguir as definições do briefing com os direcionamentos para a fase de criação do projeto:

Quadro 13 - Briefing de criação

Briefing de criação	
Conceitos: Emotivo Memorável Afetuoso Dinâmico	Público alvo: Pessoas envolvidas com a dança que tem interesse na cultura e origem delas, de idade entre 17 a 37 anos. Por serem das gerações Y e Z, estão acostumados com o uso da tecnologia e gostam de informação rápida e dinâmica.
Diagramação: O projeto gráfico deve ser dinâmico, para estabelecer uma boa comunicação com o público em questão. Por isso, a estruturação das páginas deve tender para a fluidez. A exploração de olhos, títulos, frases em destaque e espaços vazios podem ser utilizadas para deixar o material expressivo, sendo possível trabalhar o conceito “emotivo”.	
Tipografia Tendo conceitos como afetuoso e emotivo, a tipografia não pode ter formas agressivas muito pontudas. O tipo escolhido deve passar leveza. Fontes que lembram máquinas de escrever podem ser utilizadas, bem como tipos serifados, visto que tem relação com o antigo, representando o conceito de memórias. É necessário, porém, realizar testes tipográficos para garantir uma boa legibilidade para o suporte.	
Imagens e cor Por se tratar de um livro sobre memórias, a monocromia P&B pode ser utilizada para transmitir esse conceito. A utilização de uma cor como apoio do projeto gráfico é uma alternativa para diferenciar o P&B convencional e dar uma identidade ao livro. Com relação as imagens, serão utilizadas fotografias fornecidas pela autora do livro. Essas imagens são de fontes variadas e por isso, não tem um padrão.	

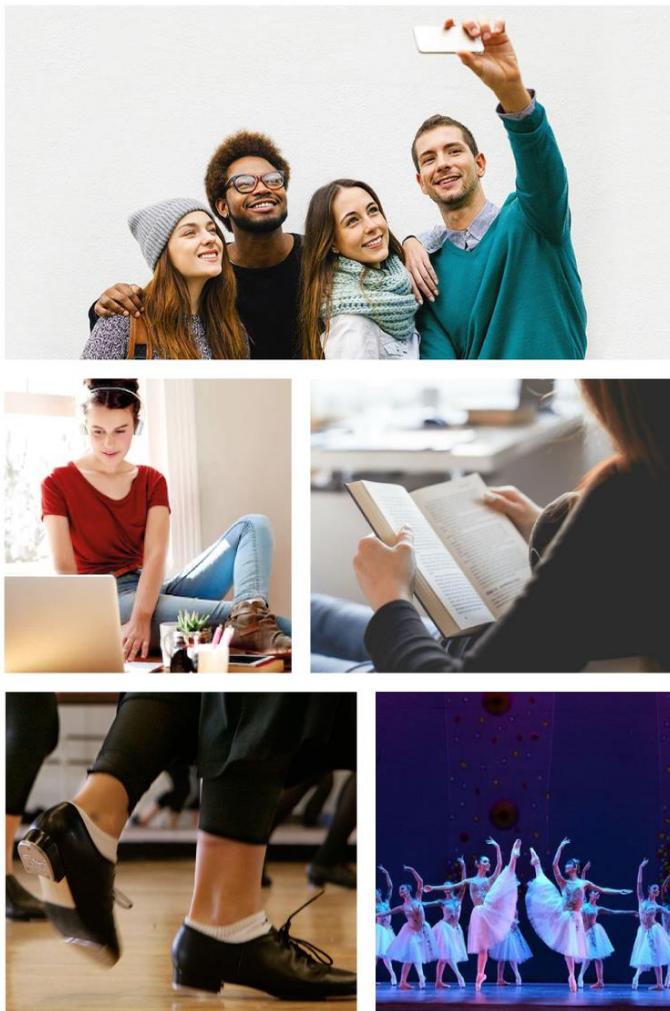
Fonte: Desenvolvido pelo Autor

3.5.1 Painéis semânticos

Nessa fase também foram criados os painéis semânticos, como forma de sintetizar as informações da pesquisa. Foram elaborados 3 painéis seguindo as recomendações de Baxter (2000). O primeiro é o painel de estilo de vida, que representa os valores sociais e pessoais dos futuros consumidores, bem como a forma que essas pessoas vivem. O segundo é o painel de expressão do produto, que comunica as emoções passadas pelo produto ao primeiro olhar. O terceiro é o painel de tema visual, que reúne referências de produtos bem sucedidos com o mesmo espírito do produto a ser desenvolvido. A seguir os painéis elaborados:

a. Painel de estilo de vida

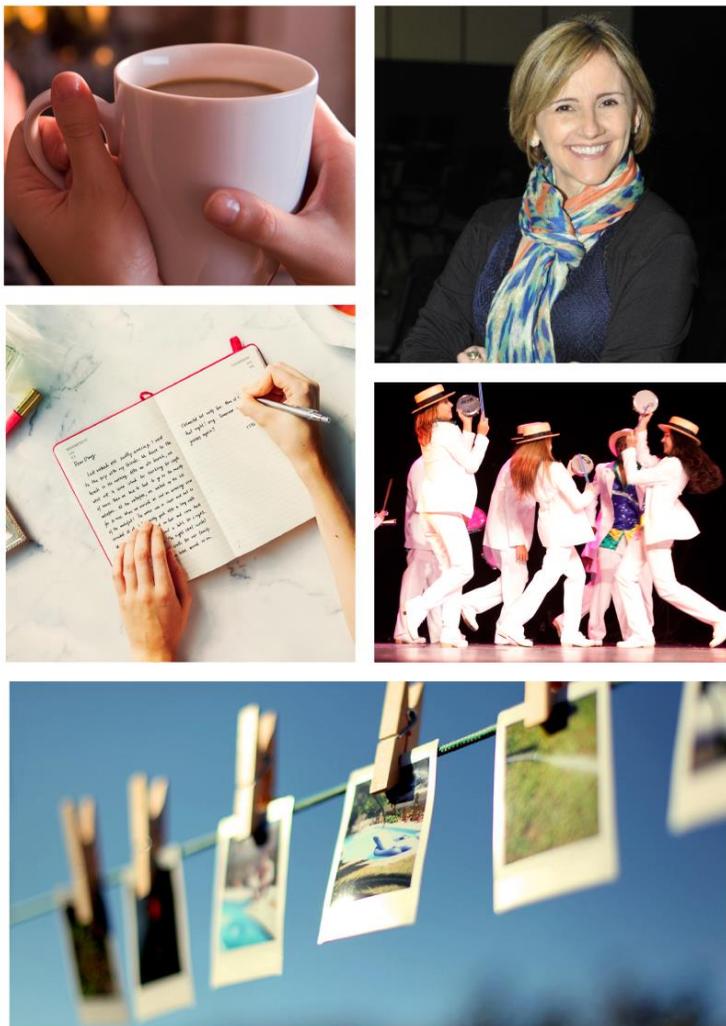
Figura 13 - Painel de estilo de vida



Fonte: Elaborado pelo autor

b. Painel de expressão do produto

Figura 14 - Painel de expressão do produto



Fonte: Elaborado pelo autor

O painel de estilo de vida sintetizou as informações do coletadas do público-alvo por meio dos questionários. Foram utilizadas imagens de jovens com hábitos da geração X e Y, sempre conectados utilizando a tecnologia a seu favor no seu dia-a-dia. Também foram usadas imagens da prática do sapateado e de uma apresentação de dança, visto que o público-alvo é engajado com o assunto e além de praticar modalidades de dança, frequenta eventos e participa de apresentações. Outro ponto explorado o hábito de leitura do público-alvo, por meio da foto de uma leitura.

A seguir, o painel de expressão do produto está relacionado aos conceitos definidos para o projeto. Por se tratar de memórias de Bia Mattar, foi utilizado uma imagem da autora, fotografias e um diário, a fim de passar o conceito “memorável” e “emotivo”. A imagem de uma caneca trabalha o conceito “afetuoso”, passando uma atmosfera tranquila e aconchegante. Já a imagem de uma apresentação de dança expressa o conceito “dinâmico”, além de representar o Brasil, por conta das vestimentas dos bailarinos.

Por último, o painel de tema visual compilou imagens de referências de materiais gráficos para a concepção do livro sobre sapateado no Brasil. Observa-se no painel, que é utilizada uma cor de contraste nas fotos em monocromia, essa técnica pode ser utilizada a fim de deixar o produto final mais expressivo. Também é possível perceber o uso de texto com tipografia com maior peso, atraindo a atenção do leitor, bem como criando um dinamismo à leitura. As fotografias possuem bastante destaque nos materiais apresentados, e a forma que são apresentadas, seguidas de citações e textos é recurso interessante para se trabalhar com as memórias da autora do livro.

Os painéis apresentados sintetizam as informações e comunicam de forma rápida a essência do projeto, sendo um bom apoio para a fase de criação do produto. Com o briefing de criação feito, inicia-se a próxima etapa da metodologia do design thinking, a etapa de idealização.

3.6 Estruturação do projeto gráfico

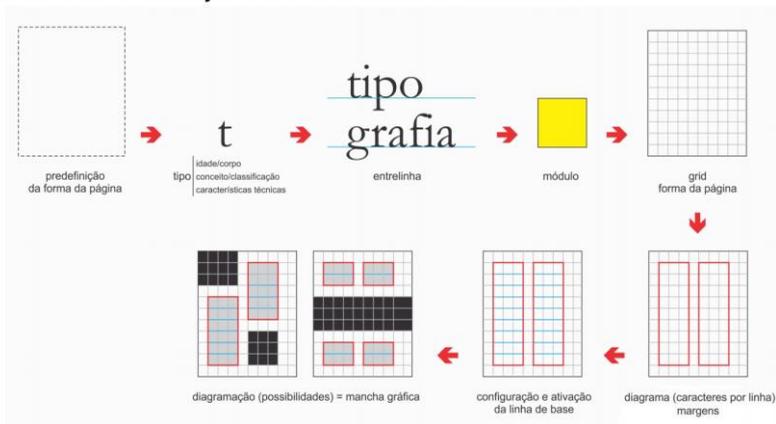
O primeiro passo da etapa de idealização para o projeto gráfico é a estruturação, que define um conjunto de diretrizes para flexibilizar o processo de diagramação. Para esta etapa de projeto utilizou-se a metodologia de Castro e Souza (2018) que propõe o processo de planejamento gráfico-editorial tendo como base a tipografia do corpo de texto. Dessa maneira, o projeto inicia-se de dentro para fora, começando pela tipografia, até a definição do tamanho final da página do livro. A

seguir listam-se as etapas sugeridas da metodologia com a adição do passo “Padrão gráfico e colaboração” que foi adaptado pelo autor deste documento:

- 1) Predefinição da forma da página
- 2) Definição da tipografia
- 3) Estabelecimento da entrelinha
- 4) Determinação do módulo
- 5) Dimensionamento da forma da página e construção da grade
- 6) Representação do diagrama
- 7) Configuração e ativação da linha de base
- 8) Padrão gráfico
- 9) Colaboração
- 10) Distribuição de textos e imagens para compor a mancha gráfica

Figura 16 - Esquema de estruturação do projeto gráfico

ESTRUTURAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO



Fonte: Castro e Souza (2018)

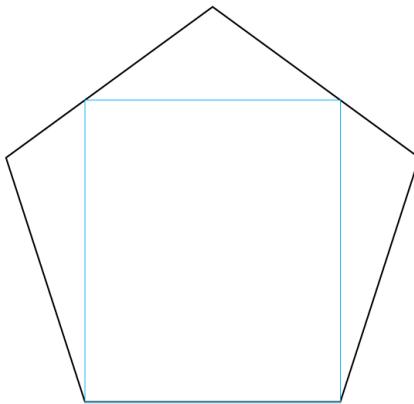
3.6.1. Predefinição da forma da página

Para iniciar um projeto gráfico, é essencial ter pelo menos uma base do formato da página. Segundo Castro e Souza (2018) é necessário pensar tanto em questões conceituais relacionadas ao conteúdo do livro até questões técnicas, como aproveitamento de papel e tipo de papel. Para

isso, recomenda-se a utilização de proporções de formas geométricas, que tendem a causar um conforto visual.

No caso deste projeto gráfico, buscou-se fugir do formato retangular usual, com proporções de papel ISO 216, que são os tamanhos comumente comercializados, como o formato A5 e A4. Essa decisão foi tomada para ser condizente com o conceito “dinâmico”, definido no briefing de criação. Dessa maneira, a forma utilizada para a construção da página foi o pentágono, formando um retângulo mais próximo de um quadrado.

Figura 17 - Proporção da página



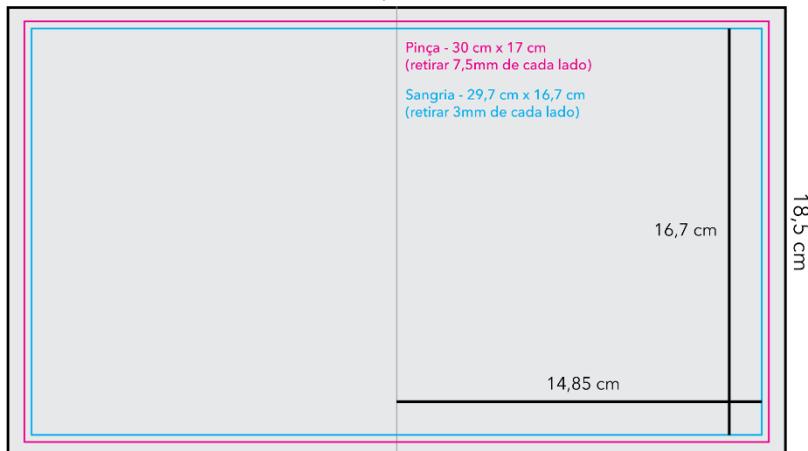
Fonte: Desenvolvido pelo autor

O formato em questão proporciona versatilidade com o conteúdo textual, que varia entre um conteúdo textual pequeno e grande entre a lógica de divisão das informações das seções do livro. Além disso, remete a materiais antigos, como diários e livros, que usualmente não seguem as proporções de papel ISO 216.

Com a proporção da página definida o próximo passo foi otimizar esse formato com o aproveitamento de papel. O planejamento foi feito a partir do papel BB (66 x 96) que é bastante comercializado no

Brasil. Seguindo as recomendações das gráficas Rocha³e Equipgraf⁴ para a definição do tamanho do papel, foi considerado, além da sangria mínima de 3 milímetros, 7,5 milímetros correspondentes ao espaço que a pinça da impressora pega as folhas. Dessa maneira, foi possível conseguir 10 *spreads* em uma folha de papel BB.

Figura 18 - Tamanho da página
31,5 cm

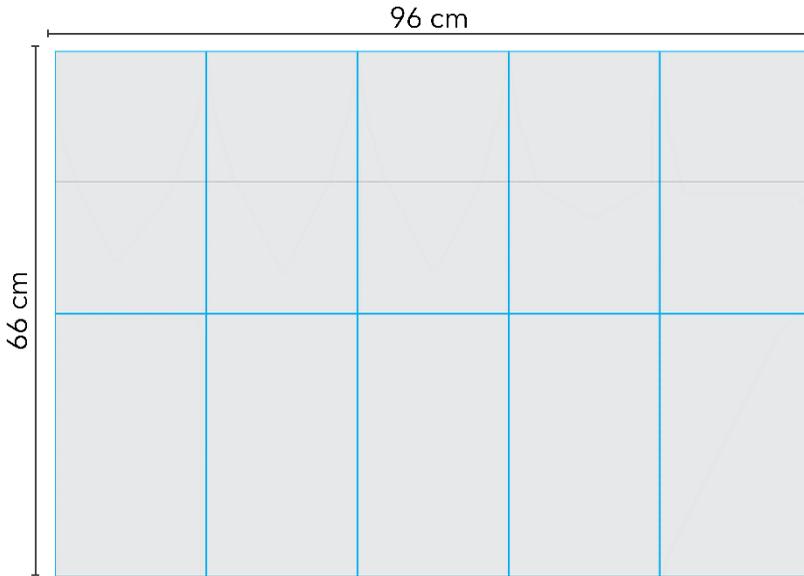


Fonte: Desenvolvido pelo Autor

Figura 19 - Aproveitamento de papel

³ "Aproveitamento de Papel e seus benefícios - Gráfica Rocha." 18 dez. 2017, <https://www.graficarocha.com.br/aproveitamento-de-papel/>. Acessado em 2 jun. 2019.

⁴ "Tabela de aproveitamento de papel | Equipgraf Gráfica." 6 ago. 2010, <http://www.equipgraf.com.br/tabela-de-aproveitamento-de-papel/>. Acessado em 2 jun. 2019.



Fonte: Desenvolvido pelo Autor.

Além do formato da página, também foi definido o tipo de papel utilizado para impressão. Optou-se por utilizar o papel pólen, que é condizente com o orçamento do projeto e transmite conforto, visto que sua cor amarelada reflete menos luz. Essa escolha vai de encontro com a definição do conceito “afetuoso” e definido no briefing de criação

Com a predefinição da página concluída, a próxima etapa da metodologia foi a definição da tipografia utilizada.

3.6.2. Definição da tipografia

Como já apresentado neste documento, a tipografia pode impactar de forma positiva a comunicação das ideias. Nesse sentido, é essencial para o designer definir critérios de seleção tipográfica para chegar a um resultado satisfatório para o produto final. Considerando isso, foi adotado o Modelo de Apoio à Seleção Tipográfica, de Meürer (2017) que sugere 5 etapas: contexto do problema; critérios de seleção; hierarquia; busca e avaliação.

a. Contexto do problema, critérios de seleção e hierarquia

Na etapa de contexto do problema, faz-se uma análise do briefing para identificar as necessidades do projeto em relação a tipografia. Essas necessidades partem do conteúdo do material, contexto do problema, público-alvo e de aspectos técnicos, como o suporte que será utilizado, por exemplo.

Para o projeto do livro *História do Sapateado no Brasil*, foi considerado: o público-alvo mencionado no briefing; o conteúdo do livro que trata de memórias e história; o suporte e tipo de papel e a verba disponível para a produção do livro.

Seguindo o modelo de Meürer (2017), é necessário pontuar os critérios do modelo de acordo com a sua importância. É dada uma nota de 1 a 5, que será o peso de cada critério na hora da avaliação das opções de fontes. Para fins didáticos, neste documento as etapas de critérios de seleção e hierarquia, bem como a análise do contexto para tipografia de corpo de texto serão apresentadas de maneira unificada. A seguir são apresentados os critérios de seleção com a análise contextual, seguidos da hierarquia (nível de relevância) de cada um deles.

Legibilidade: é a propriedade relacionada ao design da tipografia, que a torna clara e legível, Meürer (2017). É considerada uma tipografia legível aquela que o design favorece a distinção de caracteres e com boas proporções. Por se tratar de um livro composto principalmente de conteúdo textual, esse critério teve peso 5.

Variações e recursos: refere-se a variações da mesma família como o *bold*, itálico e condensado, e também aos recursos, como ligaturas e símbolos, Meürer (2017). Avalia-se também se a consistência das variações da família tipográfica. A tipografia em questão foi definida apenas para o corpo de texto e por isso, não necessita de muitas variações. Por isso, foi buscado tipografias com pelo menos o negrito e o itálico.

Como o conteúdo não necessita de símbolos especiais este critério tornou-se mais focado em analisar a consistência das variações da fonte em conjunto. Sendo assim, o peso deste critério foi definido como 2.

Aspectos histórico-culturais: segundo com Meürer (2017), os aspectos histórico-culturais são intimamente relacionados a época e o lugar que os tipos foram produzidos. Essas informações podem afetar a percepção do leitor em relação ao estilo da tipografia, causar impressões e comunicar

ideias mesmo antes da leitura do conteúdo, como afirma Samara (2011). Nesse sentido, a tipografia pode ser escolhida com o intuito de remeter a uma certa época, lugar, ou momento histórico. Para este livro, o aspecto expressivo da tipografia foi considerado para remeter o antigo por se tratar de um livro que o conteúdo contempla memórias. A nota do critério foi definida como 3, uma vez que a necessidade maior continua sendo a legibilidade.

Expressão: de acordo com Meürer (2017), é o atributo que expressa a personalidade da tipografia e pode criar uma relação simbólica e emocional com o leitor. No contexto do projeto, que trabalha com os conceitos “memorável” e “afetuoso”, trabalhar a expressividade da tipografia é uma ótima oportunidade para causar essas sensações no leitor. Sendo assim, esse critério recebeu o peso de 3.

Qualidade: de acordo com Meürer (2017), em relação a qualidade da tipografia é necessário avaliar o estilo e desenho dos caracteres e sua consistência, as métricas es espacejamento e kerning e também os detalhes dos diferentes tamanhos da fonte. Sendo assim, a qualidade se torna algo importante que pode interferir na legibilidade do texto, que é essencial para esse projeto. Por isso, o critério foi definido como peso 4.

Suporte: refere-se à qualidade de renderização do suporte utilizado. De acordo com Meürer (2017), considera-se o suporte (digital ou impresso) e também o método de impressão. Esse critério também pode afetar a legibilidade, e por isso, foi definido como peso 4.

Licenciamento: segundo Meürer (2017), é o critério relacionado as diretrizes de uso da fonte em questão. É necessário avaliar fatores que possam comprometer o contrato de licença de usuário final, como o número de computadores utilizando a fonte ou se ela necessitará de modificações, por exemplo. Esse critério foi considerado como eliminatório, ou seja, foram selecionadas apenas fontes que possuem licença aberta. Excluindo esse critério do processo avaliativo.

Investimento: com este critério, é avaliado se o investimento de aquisição da fonte é compatível com o orçamento disponível no projeto. Assim como a questão de licenciamento, para este projeto, o critério foi considerado eliminatório, sendo selecionadas apenas fontes gratuitas.

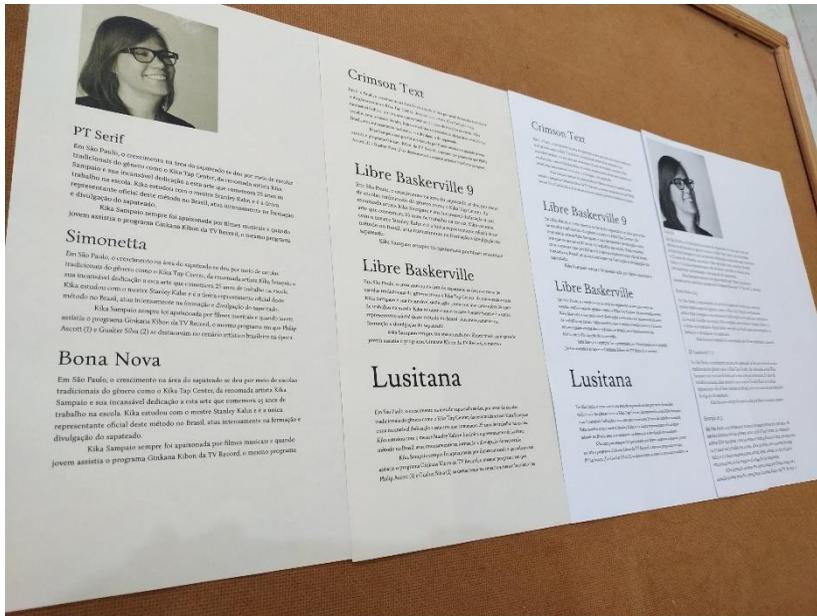
b. Busca

Durante a etapa de busca, as fontes são selecionadas para passar por uma avaliação de acordo com o peso dos critérios já definidos. Com base no que foi definido, foi feita a procura de fontes com as seguintes exigências:

- Alta legibilidade, por se tratar de um livro com bastante conteúdo textual
- Fontes serifadas, preferencialmente que expressem relação com memórias e épocas passadas
- Variação mínima de negrito e itálico
- Desenho dos tipos com formas mais arredondadas e não agressiva, para transmitir o conceito de afetuoso
- Fontes gratuitas sem restrições de licenciamento

Dessa forma, as fontes selecionadas para teste e avaliação foram: Bona Nova, Cormorant, Crimson Text, Georgia, EB Garamond, Libre Baskerville, Lusitana, PT Serif e Simonetta. Foram feitas impressões de partes do texto com os tipos selecionados no papel pólen 90g e offset 90g.

Figura 20 - Testes tipográficos (corpo de texto)



Fonte: Desenvolvido pelo autor

O teste de impressão é uma forma de experimentação rápida, como sugere a metodologia do design thinking. Com a rápida análise dos tipos, as tipografias selecionadas para a próxima etapa de avaliação do modelo proposto por Meürer (2017) foram: Crimson Text, EP Garamond, Georgia e Lora.

c. Avaliação

Nessa etapa, avalia-se cada tipografia individualmente conforme os critérios de avaliação. É dado uma nota de 1 a 5 para cada critério que é então multiplicado pelo seu peso e somado aos outros critérios para dar a pontuação final. A seguir a avaliação das fontes selecionadas:

Figura 21 - Avaliação tipográfica (corpo de texto)

	Legibilidade 5	Varição e Recursos 2	Aspecto histórico-culturais 3	Expressão 3	Qualidade 4	Suporte 4	
Lora	5	2	1	4	5	4	80
EP Garamond	4	3	4	5	4	5	93
Georgia	5	3	3	2	5	4	88
Crimson Text	5	4	4	5	4	5	96

Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir de Meürer (2017)

Os tipos com maior desempenho para o contexto do projeto foram Crimson Text e EP Garamond. Conforme Meürer (2017), quando há pontuações muito próximas, o critério com maior relevância pode ser utilizado para tomar a decisão. Desse modo, levando em conta a legibilidade como critério decisivo, Crimson Text foi selecionada.

Figura 22 - Tipografia Crimson Text



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Trata-se de uma tipografia de classificação transicional, que de acordo com Meürer (2017), se aproximam de uma escrita mais desenhada do que caligráfica, cumprindo a necessidade de possuir forças sinuosas e não agressivas, condizentes com os conceitos definidos. Além disso, ela possui serifas, que segundo Unger (2017) podem melhorar a legibilidade

visto que aproxima as linhas e palavras, favorecendo a leitura de textos longos e contínuos.

O autor Kosch (c2019)⁵ descreve a tipografia como uma família de fontes para livros, produzida em tradição aos tipos antigos e inspirada na tipografia Garamond. Esse aspecto da tipografia corrobora com o conceito “memorável”, uma vez que lida com um período de tempo histórico antigo. A Crimson Text atendeu as necessidades do projeto e foi selecionada como a fonte para compor o corpo de texto do livro.

Em seguida, o mesmo processo foi realizado para a decisão da fonte display, que foi utilizada para títulos e subtítulos.

d. Definição da fonte display

De acordo com Lupton (2015), os tipos display são utilizados para atrair a atenção do leitor e são comumente utilizadas para títulos e textos curtos. A definição de um tipo complementar a tipografia de corpo de texto se deu pelo fato da família da Crimson Text possuir poucas variações. O contexto da decisão gira em torno do mesmo briefing, variando apenas a função da tipografia. Por isso a hierarquia dos critérios avaliativos foi definida como:

Legibilidade: peso definido como 3, uma vez que será utilizada apenas para textos curtos, não necessitando de uma alta legibilidade.

Variações e recursos: peso definido como 3, uma vez que o conjunto de variações devem ter consistência e serem harmônicos entre eles.

Aspectos histórico-culturais: peso definido como 2, porque se prima pela expressão da fonte e os aspectos histórico-culturais não possuem tanta relevância comparado aos outros critérios.

Expressão: peso definido como 5, por se tratar do critério determinante da escolha tipográfica. Para o projeto em questão, os títulos precisam chamar a atenção do leitor.

Qualidade: peso definido como 3, por ser um critério importante para não causar problemas de legibilidade ou de ambiguidade na leitura dos tipos. Entretanto ele não é mais importante que a expressão.

⁵ "Crimson Text - Google Fonts." <https://fonts.google.com/specimen/Crimson+Text>. Acessado em 3 jun. 2019.

Suporte: peso definido como 3, uma vez que pode prejudicar a expressão e legibilidade se o desempenho no suporte em questão (papel pólen).

Licenciamento e Investimento: definidos como critérios eliminatórios, de peso 0, pois foram selecionadas apenas fontes gratuitas.

Com os critérios definidos, a busca foi realizada a buca de tipos com serifa e sem serifa para testar a aplicação e contraste das duas propostas. Os tipos selecionados foram: Bona Nova, Gentium Basic, Open Sans e Mont Serrat.

Figura 23 - Teste tipográfico (display)



Fonte: Desenvolvido pelo autor

A seguir a avaliação foi realizada utilizando a tabela proposta por Meürer (2017):

Figura 24 - Avaliação tipográfica (display)

	Legibilidade 3	Variação e Recursos 3	Aspecto histórico-culturais 3	Expressão 5	Qualidade 3	Suporte 3	
Open Sans	5	5	2	5	5	5	91
Mont Serrat	5	5	3	4	5	5	89
<i>Bona Nova</i>	4	3	4	3	5	5	78
<i>Gentium Basic</i>	4	3	4	4	5	5	83

Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir de Meürer (2017)

Os tipos com maiores pontuações foram a Open Sans e a Mont Serrat. A Open Sans foi selecionada, pois, ofereceu um contraste com o corpo de texto superior e mais expressivo, trabalhando o conceito “dinâmico e “emotivo” presentes no briefing de criação. Trata-se de uma tipografia sem serifa com classificação humanista. As fontes sem serifa tem ligação com períodos da história mais recentes, e por isso, é uma escolha adequada para o público, que pertence majoritariamente a geração Y e Z.

Figura 25 - Tipografia Open Sans



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Com as tipografias definidas, a próxima etapa da metodologia sugerida por Castro e Souza (2018) é a determinação da entrelinha.

3.6.3. Estabelecimento da entrelinha

Antes de estabelecer a entrelinha é necessário definir o tamanho da tipografia primeiro. Castro e Souza (2018) recomendam que a idade do público seja levada em conta na decisão do tamanho do tipo.

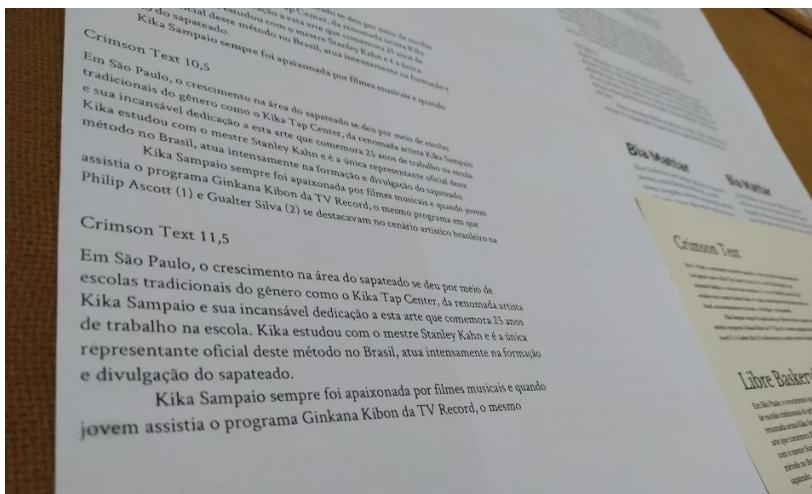
Figura 26 - Tamanho do tipo x idade

Idade (anos)	Tipo (pontos)
Menor que 7	24
7-8	18
8-9	16
9-10	14
10-12	12
Maior que 12	11
19-26	9
Adultos	10
Terceira idade	12

Fonte: Adaptado por Castro e Souza (2018)

Em relação a entrelinha, segundo Furtado (2009) o tamanho mínimo deve no mínimo o tamanho do tipo. Ele afirma que apesar desse valor mínimo, uma boa entrelinha precisa de um incremento de 20% em relação ao tamanho do tipo. Furtado (2009) pontua ainda que para colunas de texto mais longas um valor confortável para a entrelinha pode ser superior ao incremento de 20%.

Figura 27 - Teste tipográfico (Crimson Text)



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Considerando o público alvo jovem e a experimentação por meio de testes tipográficos, os valores definidos foram 11,5 pt para o tamanho da fonte e entrelinha de 14,15 pt. O valor da entrelinha representa um incremento de 23% no tamanho da fonte.

3.6.4. Determinação do módulo

O módulo é a unidade que determinará o tamanho das divisões do grid que servirá como base geométrica para a construção do layout. Ele é baseado no tamanho da entrelinha do corpo de texto e representa uma distância confortável para a separação de elementos.

A unidade utilizada para medir as fontes é chama de pontos que tem o valor de 0,35275mm por unidade. O valor do módulo deve ser correspondente ao tamanho da entrelinha (14,15 pt para este projeto), sendo assim, o valor do módulo é definido em 4,992 mm.

Figura 28 - Tamanho do módulo

1 pt	→	0,35275mm
14,15 pt	→	4,9914125mm

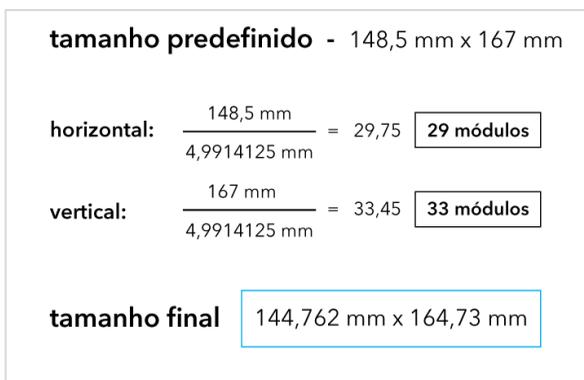
Fonte: Desenvolvido pelo autor

3.6.5. Dimensão da forma da página e construção da grade

Uma vez definido o tamanho do módulo, é possível chegar ao tamanho final da página do livro. Utiliza-se a medida predefinida na primeira etapa da metodologia e se constrói uma grade de linhas com distâncias uniformes com o valor do módulo. Assim, adapta-se a página para que ela tenha um tamanho múltiplo do módulo, formando apenas unidades inteiras no grid.

O cálculo realizado utilizou a medida predefinida da página (148,5 mm por 167 mm) e dividiu pelo valor do módulo (4,991 mm), o resultado da divisão foi então arredondado para números inteiros.

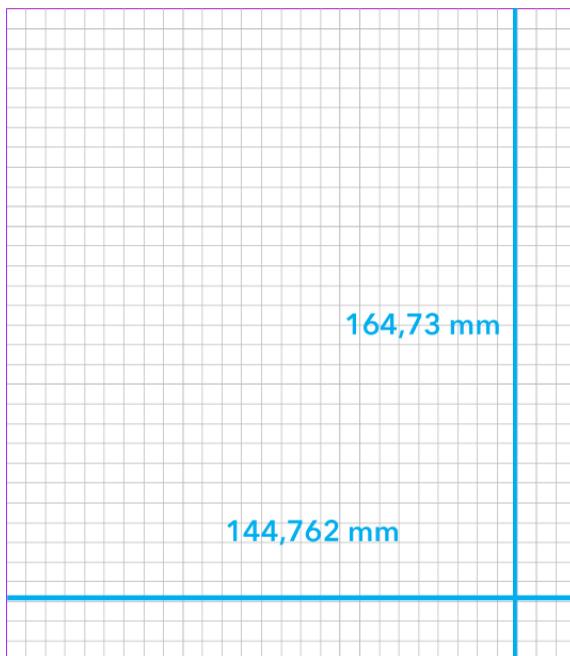
Figura 29 - Tamanho final da página



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Definindo a quantidade de módulos totais no eixo vertical e horizontal, definiu-se que o tamanho final da página foi de 144,762 mm por 164,73 mm.

Figura 30 - Formato final da página



Fonte: Desenvolvido pelo autor

3.6.6. Representação do diagrama (largura de colunas e margens)

Com o formato de página definido, o próximo passo é a representação do diagrama, que define a largura das colunas de texto e as margens da página.

De acordo com Castro e Souza (2018), a dimensão horizontal do formato de um diagrama pode interferir de forma negativa o processo de leitura. Linhas muito compridas tornam o texto desconfortável e cansativo de ler, por isso, o tamanho da coluna deve ser pensado de acordo com a necessidade do conteúdo e do projeto.

Existem vários tipos de diagrama, Castro e Souza (2018) citam: o retangular, ideal para materiais com textos extensos; o colunar, que tem ótimo desempenho para materiais que necessitam de um controle maior do volume de texto ou maiores divisões para separar o conteúdo; e o modular, que permite a disposição de conteúdos complexos com maior segmentação. No caso deste projeto, optou-se pelo diagrama colunar que atende as necessidades do conteúdo.

Para definir o tamanho da coluna, utiliza-se uma relação com o tamanho do alfabeto da tipografia e a largura da coluna do diagrama, similar a relação do tamanho do tipo com a idade do público alvo. Durante esse processo o alfabeto é medido em pontos e, de acordo com essa medida, tem-se tamanhos satisfatórios e ideias em paucas para as colunas de texto.

Figura 31 - Tabela de Bringhurst para a composição de linhas

		MÉDIA DE CARACTERES POR LINHA															
LARGURA DA COLUNA (paucas)	LARGURA DA COLUNA (paucas)																
	10	12	14	16	18	20	22	24	26	28	30	32	34	36	38	40	
COMPRIMENTO DO ALFABETO em caixa-baixa (pontos)	80	40	48	56	64	72	80	88	96	104	112	120	128	136	144	152	160
	85	38	45	53	60	68	76	83	91	98	106	113	121	129	136	144	151
	90	36	43	50	57	64	72	79	86	93	100	107	115	122	129	136	143
	95	34	41	48	55	62	69	75	82	89	96	103	110	117	123	130	137
	100	33	40	46	53	59	66	73	79	86	92	99	106	112	119	125	132
	105	32	38	44	51	57	63	70	76	82	89	95	101	108	114	120	127
	110	30	37	43	49	55	61	67	73	79	85	92	98	104	110	116	122
	115	29	35	41	47	53	59	64	70	76	82	88	94	100	105	111	117
	120	28	34	39	45	50	56	62	67	73	78	84	90	95	101	106	112
	125	27	32	38	43	48	54	59	65	70	75	81	86	91	97	102	108
	130	26	31	36	41	47	52	57	62	67	73	78	83	88	93	98	104
	135	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	100
	140	24	29	34	39	44	48	53	58	63	68	73	77	82	87	92	97
	145	23	28	33	37	42	47	51	56	61	66	70	75	80	84	89	94
	150	23	28	32	37	41	46	51	55	60	64	69	74	78	83	87	92
	155	22	27	31	36	40	45	49	54	58	63	67	72	76	81	85	90
	160	22	26	30	35	39	43	48	52	56	61	65	69	74	78	82	87
	165	21	25	30	34	38	42	46	51	55	59	63	68	72	76	80	84
	170	21	25	29	33	37	41	45	49	53	57	62	66	70	74	78	82
	175	20	24	28	32	36	40	44	48	52	56	60	64	68	72	76	80
	180	20	23	27	31	35	39	43	47	51	55	59	62	66	70	74	78
	185	19	23	27	30	34	38	42	46	49	53	57	61	65	68	72	76
	190	19	22	26	30	33	37	41	44	48	52	56	59	63	67	70	74
	195	18	22	25	29	32	36	40	43	47	50	54	58	61	65	68	72
	200	18	21	25	28	32	35	39	42	46	49	53	56	60	63	67	70
	210	17	20	23	27	30	33	37	40	43	47	50	53	57	60	63	67
	220	16	19	22	25	29	32	35	38	41	45	48	51	54	57	60	64
	230	15	18	21	24	27	30	33	36	40	43	46	49	52	55	58	61
	240	15	17	20	23	26	29	32	35	38	41	44	46	49	52	55	58
	250	14	17	20	22	25	28	31	34	36	39	42	45	48	50	53	56
	260	14	16	19	22	24	27	30	32	35	38	41	43	46	49	51	54
	270	13	16	18	21	23	26	29	31	34	36	39	42	44	47	49	52
	280	13	15	18	20	23	25	28	30	33	35	38	40	43	45	48	50
	290	12	15	17	20	22	24	27	29	32	34	37	39	41	44	46	49
	300	12	14	17	19	21	24	26	28	31	33	35	38	40	42	45	47
	320	11	13	16	18	20	22	25	27	29	31	34	36	38	40	43	45
340	10	13	15	17	19	21	23	25	27	29	32	34	36	38	40	42	
360	10	12	14	16	18	20	22	24	26	28	30	32	34	36	38	40	

Fonte: Adaptado por Castro e Souza (2018)

Figura 32 - Tamanho do alfabeto em pontos

<p>abcdefghijklmnopqrstuvwxyz</p> <hr/> <p>132,497 pt</p>

Fonte: Desenvolvido pelo autor

A medida do alfabeto do tipo Crimson Text no tamanho 11,5 pt é de 132,49 pt. Esse valor corresponde a medidas de 16 paicas a 32 paicas, sendo o tamanho de coluna ideal para a leitura de 24 a 26 paicas.

Figura 33 - Tamanho ideal de colunas para o projeto

		MÉDIA DE CARACTERES POR LINHA															
LARGURA DA COLUNA (paicas)		10	12	14	16	18	20	22	24	26	28	30	32	34	36	38	40
Tamanho (pt)	80	40	48	56	64	72	80	88	96	104	112	120	128	136	144	152	160
	85	38	45	53	60	68	76	83	91	98	106	113	121	129	136	144	151
	90	36	43	50	57	64	72	79	86	93	100	107	115	122	129	136	143
	95	34	41	48	55	62	69	75	82	89	96	103	110	117	123	130	137
	100	33	40	46	53	59	66	73	79	86	92	99	106	112	119	125	132
	105	32	38	44	51	57	63	70	76	82	89	95	101	108	114	120	127
	110	30	37	43	49	55	61	67	73	79	85	92	98	104	110	116	122
	115	29	35	41	47	53	59	64	70	76	82	88	94	100	105	111	117
	120	28	34	39	45	50	56	62	67	73	78	84	90	95	101	106	112
	125	27	32	38	43	48	54	59	65	70	75	81	86	91	97	102	108
	130	26	31	36	41	47	52	57	62	67	73	78	83	88	93	98	104
	135	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	100
	140	24	29	34	39	44	48	53	58	63	68	73	77	82	87	92	97
	145	23	28	33	37	42	47	51	56	61	66	70	75	80	84	89	94

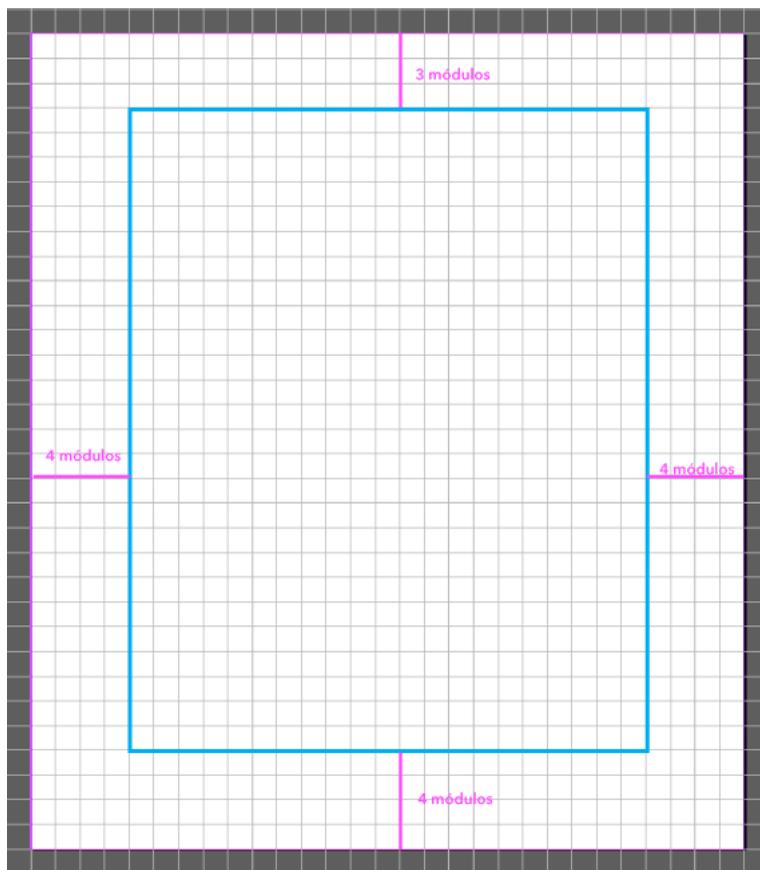
Fonte: Adaptado por Castro e Souza (2018)

Com as medidas de coluna ideais definidas, o próximo passo foi definir as medidas das margens, que tem medidas proporcionais aos módulos. Nesse sentido, as margens foram planejadas da seguinte forma:

- Margem superior foi definida como 3 módulos para ter maior aproveitamento do tamanho da página.

- Margem interior, definida como 4 módulos para manter o conteúdo com uma distância segura da parte interior do livro, que acaba perdendo espaço para o acabamento de encadernação.
- Margem exterior e inferior foi definida como 4 pensando em um tamanho confortável para o leitor segurar a página sem tampar os textos.

Figura 34 - Representação do diagrama



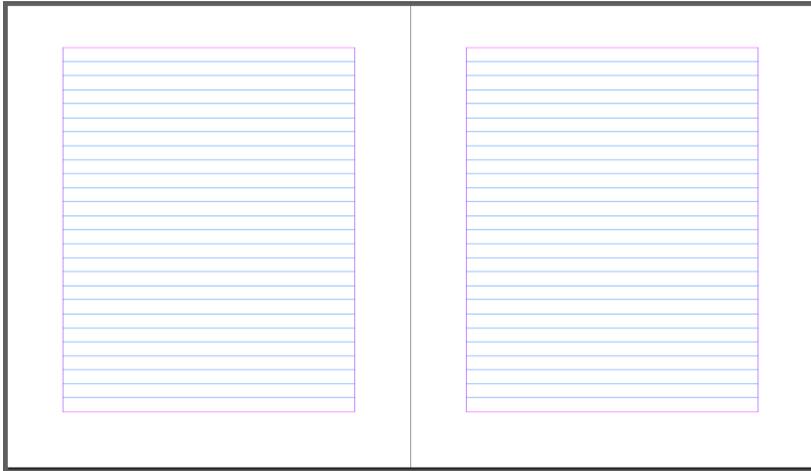
Fonte: Desenvolvido pelo autor

3.6.7. Configuração e ativação da linha de base

Com a estruturação da página decidida, a linha de base deve ser ativada dentro do software de diagramação. Ela deve ser correspondente a

entrelinha definida e também aos módulos. Dessa forma, os textos ficam equilibrados e alinhados sempre com a mesma base, dando consistência ao layout em todas as páginas do documento. Castro e Souza (2018) recomendam que a linha de base seja ativada somente dentro das margens definidas, uma vez que servem para guiar, prioritariamente, o conteúdo textual do livro.

Figura 35 - *Spread* com linha de base ativada



Fonte: Desenvolvido pelo autor

3.6.8. Padrão Gráfico

Com finalidade de criar uma comunicação com personalidade e consistência, um padrão gráfico foi desenvolvido tendo como base o diagrama e a estrutura já criada. Para isso foram definidos elementos gráfico-editoriais textuais e não textuais.

3.6.8.1. Elementos gráfico-editoriais textuais

Os elementos gráfico-editoriais textuais são as definições do que parte das tipografias definidas. Nesse sentido, trabalha-se a hierarquia das informações textuais, com variações de peso da fonte, tamanho, disposição e cor. Nesse sentido, definiu-se algumas variações da tipografia Open Sans com modificações de tamanho, peso e *tracking* (espaçamento entre letras).

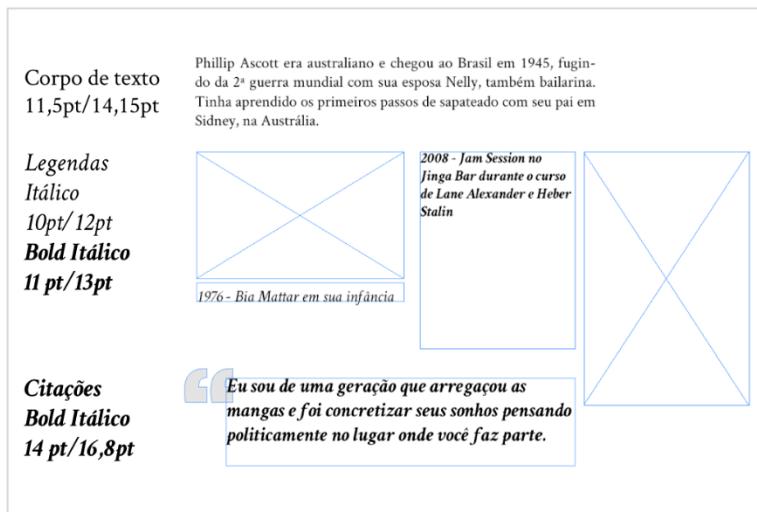
Figura 36 - Variações Open Sans



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Em relação a fonte Crimson Text as modificações foram feitas apenas em tamanho e peso. O corpo de texto manteve as métricas padrões do desenvolvedor da fonte para garantir uma melhor legibilidade.

Figura 37 - Variações Crimson Text



Fonte: Desenvolvido pelo autor

3.6.8.2. Elementos gráfico-editoriais não textuais

Em relação aos elementos gráfico-editoriais não textuais, foi trabalhado a utilização de grafismos, fotografias e cor.

a. Grafismos

Os grafismos são elementos de apoio ao projeto editorial que ajudam a destacar elementos e dar personalidade a publicação. Foi desenvolvido uma linguagem com linhas para chamar a atenção para os títulos e subtítulos. Também foi desenvolvido um símbolo de citação com o mesmo objetivo.

Figura 38 - Grafismos do projeto gráfico-editorial



Fonte: Desenvolvido pelo autor

b. Fotografias

As fotografias utilizadas no livro foram fornecidas pela autora do conteúdo, e formaram dois grupos com características distintas:

- Grupo de fotografias dos contemplados no livro, que possuíam fontes variadas, tornando-as dispares umas das outras.
- Grupo de fotografias do acervo pessoal da autora, que como característica principal, continham marcas de dano do tempo por grande parte serem fotografias analógicas que foram escaneadas.

Por isso, como forma de unificar o projeto gráfico, tomou-se a decisão de utilizar a monocromia nas fotos dos contemplados no livro. Em relação as fotos do acervo de Bia Mattar, com objetivo de trabalhar o conceito “memorável” buscou-se manter as características originais das fotografias.

Figura 39 - Fotografias do projeto



Fonte: Fornecido por Bia Mattar

c. Cor

Além da cor ter sido trabalhada nas fotografias, ela também foi utilizada como elemento gráfico para dar personalidade ao projeto. Segundo Ambrose e Harris (2012), a cor é uma das primeiras informações que o olho humano assimila, captando sentidos e sensações. Por isso, pretendeu-se trabalhar com uma cor cujo significado representasse a personalidade da autora e o conceito “dinâmico”.

A cor escolhida foi um tom de amarelo que, de acordo com Ambrose e Harris (2012), está associado a alegria e felicidade nas sociedades ocidentais. Para aplicar a cor no projeto gráfico o fator orçamento foi levado em consideração. Ao analisar o conteúdo textual e as fotografias disponíveis, foi constatado a maioria da impressão poderia ser em preto e branco tornando a produção menos custosa. Nesse sentido, a aplicação do amarelo foi pensada apenas em algumas páginas, na capa do material e em páginas especiais, como abertura de capítulos.

Figura 40 - Tom de amarelo do projeto gráfico



Fonte: Desenvolvido pelo autor

3.6.9. Colaboração

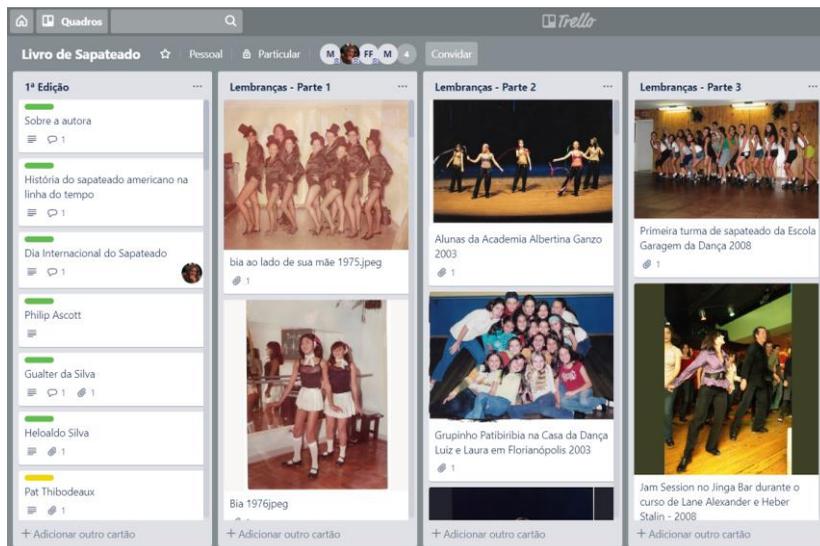
Durante o desenvolvimento do projeto, como já mencionado nesse documento, a colaboração esteve presente durante várias etapas, como na elaboração do conteúdo e na definição dos critérios do briefing de criação. A fim de intensificar esse processo colaborativo, bem como coletar *feedbacks* externos de pessoas ligadas a dança, um terceiro membro foi adicionado a equipe. O professor de sapateado Fernando Flesch, se dispôs a participar do projeto.

Durante a etapa de idealização, apesar do conteúdo já ter sido produzido, ele precisava ser organizado e ter uma hierarquia. Para isso a equipe fez o uso do Trello, uma plataforma de gestão visual de projetos que auxilia a colaboração. A escolha se deu principalmente da dificuldade

de organização de encontros presenciais, visto que Mattar residia em outra cidade do resto do grupo de trabalho.

Dentro da plataforma, o conteúdo foi disposto e organizado, para que na fase de diagramação ele já estivesse sequenciado em uma ordem lógica da informação. A plataforma permitiu a organização dos textos e das imagens presentes em cada capítulo.

Figura 41 - Plataforma utilizada para organização de conteúdo (Trello)



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor

Uma vez que o conteúdo e o padrão gráfico estavam bem definidos, foi dado seguimento a metodologia, chegando na fase de diagramação.

3.6.10. Distribuição de textos e imagens para compor a mancha gráfica (diagramação)

Antes de iniciar a diagramação do livro, é interessante fazer um espelho de paginação para ordenar os conteúdos. De acordo com Samara (2011), trata-se de uma ferramenta importante para que o designer consiga visualizar todo o conteúdo na sequência correta e também avaliar o efeito da adição, remoção ou realocação das páginas.

Figura 42 - Espelho de paginação (parte 1)

frontispício		ficha técnica	sumário	autora			
1		2	3	4	5	6	7
8	9	linha do tempo		12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	a história no brasil	
30	31						
philip ascott		gualter da silva		heloaldo castello silva		bob lester	
32	33	34	35	36	37	38	39
pat thibodeaux		kika sampaio		44	45	marchina	
40	41	42	43	44	45	46	47
tânia nardini		valéria pinheiro		52	53	54	55
48	49	50	51	52	53	54	55
56	57	flávio salles		amália machado		stella antunes	
58	59	58	59	60	61	62	63

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 43 - Espelho de paginação (parte 2)

64	65	66	67	68	69	70	71
steven harper				cláudio figueira			
72	73	74	75	76	77	78	79
a nova geração							
80	81	82	83	84	85	86	87
		lembranças					
88	89	90	91	92	93	94	95
96	97	98	99	100	101	102	103
104	105	106	107	108	109	110	111
112	113	114	115	116	117	118	119
						agradecimento	
120	121	122	123	124			
		côlofon					

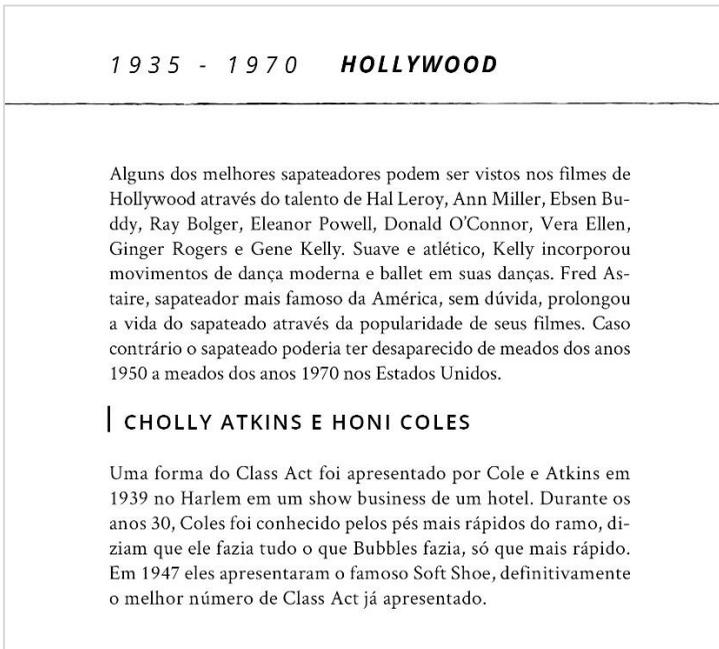
Fonte: Desenvolvido pelo autor

Com o espelho de paginação finalizado iniciou-se a etapa de diagramação, que é quando se coloca em prática tudo que foi levantado em relação a requisitos de projeto e definições estruturais. O projeto gráfico do livro em questão foi desenvolvido com base em 4 layouts, que foram definidos de acordo com o conteúdo. São eles: layout da linha do tempo; layout de pessoas do sapateado e layout de lembranças fotográficas e o layout de abertura de capítulo.

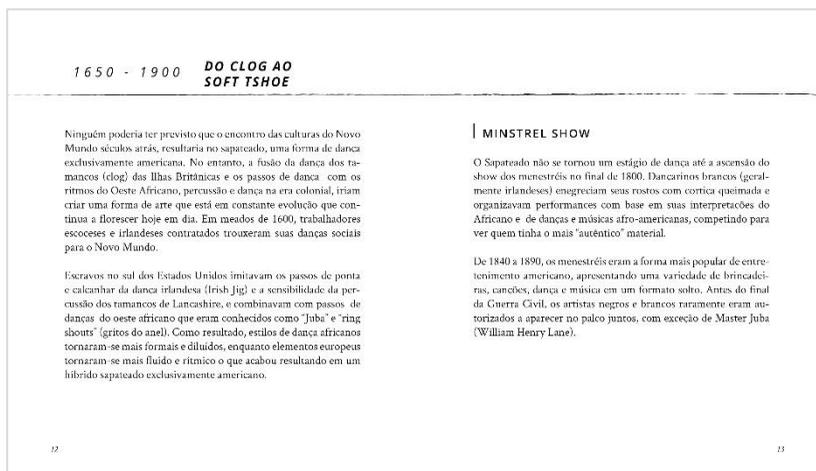
a. Layout da linha do tempo

Durante o capítulo sobre a linha do tempo do sapateado, foi feito um risco com textura que, com aspecto de desenho a lápis que atravessa as páginas de forma contínua. Dessa maneira, trabalha-se o conceito “afetuoso” e “memorável” visto que passa a impressão de que uma pessoa o fez de forma manual, como se fosse um diário. Os marcos do sapateado são dispostos acima da linha, de maneira a indicar a data do conteúdo textual da página, tornando-o mais dinâmico e interessante.

Figura 44 - Layout de linha do tempo (página única)



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 45 - Layout de linha do tempo (*spread*)

Fonte: Desenvolvido pelo autor

b. Layout da seção sobre pessoas no sapateado.

Os capítulos sobre pessoas representam grande parte do conteúdo textual do livro e tem volumes diferentes de informação para cada indivíduo mencionado. As pessoas mais antigas não possuíam fotos e o conteúdo textual era menor. Em contrapartida, algumas pessoas possuíam mais informações textuais e recursos, como citações. Nesse sentido o layout foi pensado para ser versátil em todas essas aplicações.

Foram utilizadas as linhas definidas no padrão gráfico e também a tipografia Open Sans no nome das pessoas, seguidas do estado de origem e a data de nascimento (quando disponível). As citações foram utilizadas como olho, com um recuo para a direita para evidenciar melhor a informação e também criar um respiro para o leitor, tornando a leitura mais dinâmica.

Figura 46 - Layout da seção sobre pessoas do sapateado (página única e *spread*)


**BIA
MATTAR**
SC (1965)

Frequentei diversos cursos durante minha vida, estudei cinema, fotografia, turismo, computação, administração, entre outros. Mas então a vida me virava, como a volta de uma pirueta e eu acabava na dança novamente. Ballet clássico, jazz, dança contemporânea, dança de salão, danças urbanas, experimentei de tudo.

“Nasci bailarina e serei sempre bailarina.

Meus caminhos diários só tinham 2 rotas, casa e academias de danças. E o sapateado? O que dizer do sapateado? Ele me mostrou muito mais do que dança, me tornei empresária, produtora, jurada, consultora. Viajei para os Estados Unidos pela primeira vez em 1986 buscando referências da técnica americana. Meu currículo é lido nominando os mestres que me ensinaram a dançar, e foram tantos que não caberiam neste espaço.

Aperfeiçoei meus estudos em Nova Iorque (nas décadas de 1980 e 1990 não era possível estudar dança sem ir para Nova Iorque). Realizei projetos de intercâmbios culturais internacionais na Argenti-

6



**VALÉRIA
PINHEIRO**
CE (1959)

Cofundadora do grupo Carsapá, no bairro de Botafogo/RJ, Valéria Pinheiro (recém-chegada do Ceará) juntamente com Tania Nardini, deu asas ao sapateado brasileiro com referências de ritmos nordestinos e inaugurou uma nova maneira de integrar o sapateado aos ritmos brasileiros. Em 1994, fundou a Cia Vata que a tornou conhecida no mundo todo.

Valéria Pinheiro nasceu no Ceará, em Juazeiro do Norte. Aos 6 anos seus pais foram para Manaus onde ela viveu até os 18 anos de idade. Era o ano de 1979 quando seus pais resolveram voltar para o Ceará, ano em que Valéria descobriu a dança, vinda de uma vocação do esporte, especificamente uma Amazona que até campeonatos internacionais tinha participado.

Em uma de suas saídas de carro por Fortaleza, acabou se perdendo, quando se deparou com uma escola de dança chamada SAI dança, ela entrou e estava acontecendo uma aula de sapateado. Então, voltou todos os dias para aquela aula, movida pelas experiências dos sapateados nordestinos, chamados de trupé, que o pai costumava apre-

sentar junto com os amigos, além de ser exímio tocador de rabeça e pífano. Seu pai também trouxe de uma das viagens onde trabalhava com importação e exportação, seu primeiro sapato de sapateado.

Valéria já tinha 20 anos de idade. Aos 22 anos começou a dar aulas pela cidade. Criando frases rítmicas criadas com suas referências dos trupes nordestinos encantou o professor de dança Lacciane Lacciane, vindo da Itália que a convidou para ser sua assistente na escola de Ticiane Friúza, onde Valéria era aluna.

“Eu sou de uma geração que arregaçou as mangas e foi concretizar seus sonhos pensando politicamente no lugar onde você faz parte.

Em seguida, passa pelo Brasil o grande professor Jo Jo Smith que passou 3 meses na mesma escola em que Valéria estudava e trabalhava. As aulas de Jo Jo eram acompanhadas por congas e devido sua brasilidade já contagiante, Valéria também conquistou uma parceria de estudos com o grande mestre norte americano.

A partir daí, Valéria sentiu a necessidade de estudar música, especialmente os instrumentos de percussão para agregar com sua dança. Em 1981, junto com Ticiane Friúza, foi para o Rio de Janeiro para aperfeiçoar seus estudos em dança. Lá conheceu Tania Nardini na escola CAT – Centro de Artes do Tempo.

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 47 - Layout da seção sobre pessoas do sapateado sem foto (*spread*)



Fonte: Desenvolvido pelo autor

c. Layout de lembranças fotográficas

Durante o capítulo de lembranças fotográficas foi adotado um layout dinâmico, com imagens espalhadas e com legendas próximas, com o grid como base. As imagens atravessam a divisão de páginas quando a fotografia e o layout permitem e a legendas foram dispostas de maneira a estarem sempre dentro das margens definidas na estruturação do projeto gráfico. A fonte foi utilizada em itálico para fotos avulsas e em bold quando as fotos possuíam a mesma legenda, formando um grupo.

Figura 48 - Layout de lembranças fotográficas (*spread* e recorte de página)



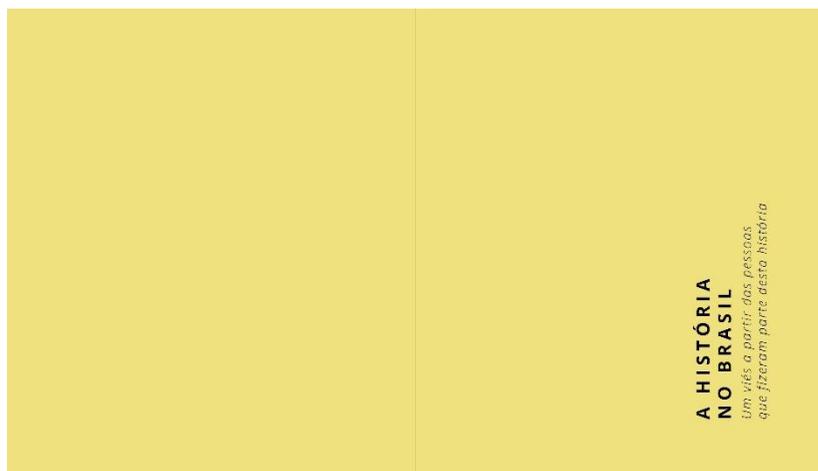
2006 - Jam Session no Café Matisse (CIC) durante curso de Lane Alexander e Heber Stalin



d. Layout de abertura de capítulo

Como forma de incluir a cor definida no padrão gráfico para o livro que, em grande parte é em preto e branco, as aberturas de capítulo utilizaram a cor sólida com a tipografia display nos pesos Bold e Itálico leve, respectivamente para o título e entretítulo dos capítulos. A disposição do texto foi colocada na vertical, no limite das margens definidas pelo diagrama. O objetivo foi de trazer dinamicidade ao leitor na troca de sessões do livro.

Figura 49 - Layout de abertura de capítulo (spread e texto rotacionado)



Por fim, como último elemento composto do miolo do livro, foram desenvolvidos o sumário e as páginas de especificações técnicas, como o frontispício, a ficha técnica e cólofon.

O sumário foi desenvolvido considerando o tema do livro, que está intimamente relacionado ao movimento. Por isso, os elementos foram alinhados à esquerda e à direita de forma alternada, fazendo o fluxo de leitura ser de cima para baixo. A tipografia utilizada foi a Open Sans.

Figura 50 - Layout de sumário

SUMÁRIO	
5 A AUTORA	
29 A HISTÓRIA NO BRASIL	
30 Philip Ascott	46 Tânia Nardini
32 Gualter da Silva	50 Valéria Pinheiro
34 Heloaldo Silva	58 Flávio Salles
36 Bob Lester	60 Amália Machado
38 Pat Thibodeaux	62 Stella Antunes
40 Kika Sampaio	64 Steven Harper
44 Marchina	68 Cláudio Figueira
83 LEMBRANÇAS	
	LINHA DO TEMPO 11
	Do Clog ao Soft Shoes 12
	O surgimento do sapateado 15
	A renascença do Harlem 18
	Hollywood 21
	Renascimento do sapateado 22
	O Dia Internacional do Sapateado 24
	O futuro 27
	NOVA GERAÇÃO 73
	Os Festivais 74
	New Generation 80
	AGRADECIMENTO 119

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Em relação as páginas de frontispício, ficha técnica e cólofon, por se tratarem de elementos técnicos, o layout seguiu o padrão convencional, apenas com as informações obrigatórias. A página da ficha técnica foi deixada com espaços vagos para futuramente, quando o livro for publicado, as informações de direitos autorais e editora serem adicionadas.

Figura 51 - Frontispício, ficha técnica e cólofon



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Com o miolo do livro concluído, a próxima etapa tratou de elementos materiais e de acabamentos.

3.7. Elementos Materiais

Os elementos materiais tratam-se do papel utilizado na impressão, a capa do livro e tipo de encadernação do material, bem como acabamentos de impressão. Apesar desses elementos já terem sido planejados durante a

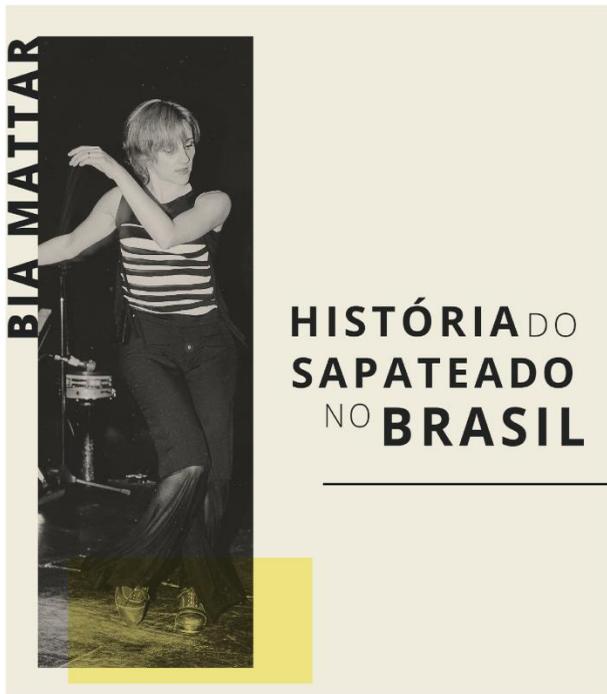
estruturação do projeto gráfico-editorial, como parte final do trabalho é possível testá-los em conjunto com o miolo já produzido.

3.7.1. Capa

De acordo com Samara (2011) o exterior de uma publicação tem extrema importância, uma vez que faz o primeiro contato com o leitor, podendo cativá-lo a saber mais do material. Nesse sentido, a capa pode ser utilizada como uma ponte entre o conteúdo interior do livro para o público, de forma a gerar interesse.

Para desenvolver a capa do livro de forma a expressar um pouco do conteúdo interno do miolo, a pretensão foi trabalhar uma fotografia de Bia Mattar sapateando. Essa decisão traz uma personalidade a capa e a torna mais emotiva. Além disso, foi levado em consideração a o suporte utilizado, que foi definido durante a fase de estruturação do projeto gráfico. Nesse contexto, a capa do livro precisava se mesclar bem com a cor do papel pólen, que possui tom amarelado.

Figura 52 - Capa do livro



Fonte: Desenvolvido pelo autor

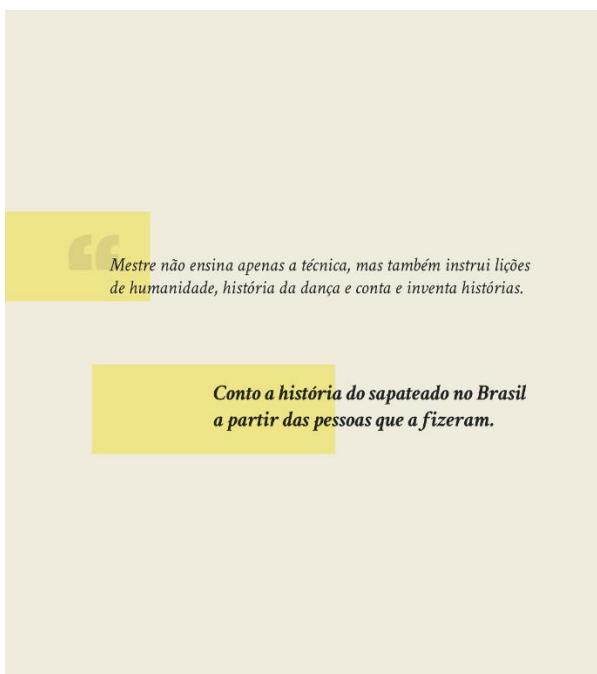
Outro elemento que era desejado ser trabalhado era o contraste de preto e branco, que remete ao cinema e filmes antigos fazendo ligação com musicais e o sapateado. Além disso, a combinação entre preto e o amarelo definido no padrão gráfico oferece um contraste interessante.

As cores base da capa foram feitas em uma tonalidade de bege claro e preto, que tem um aspecto envelhecido e combina com a cor do miolo do livro e o proporcionam a lembrança de uma fotografia em tons sépia. Com essa decisão trabalha-se o apelo histórico e o conceito “memorável” definido no briefing de criação.

Para trazer dinamicidade a capa, formas retangulares sobrepostas foram utilizadas para marcar o padrão gráfico em amarelo. Os títulos foram dispostos de maneira dinâmica com tamanhos diferentes do tipo Open Sans e rotação do texto para o nome da autora.

Na contracapa o projeto seguiu a mesma linha, utilizando uma citação da autora do livro que expressa a proposta do conteúdo: abordar a história do sapateado por um viés a partir das pessoas que fizeram parte da construção do sapateado nacional.

Figura 53 - Contracapa do livro



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Em seguida, foram adicionadas orelhas a capa do livro, com a intenção de torna-la mais resistente e durável. Também foi criado a lombada, que seguiu uma orientação vertical, que favorece a leitura em prateleiras.

Figura 54 - Capa do livro (inteira)

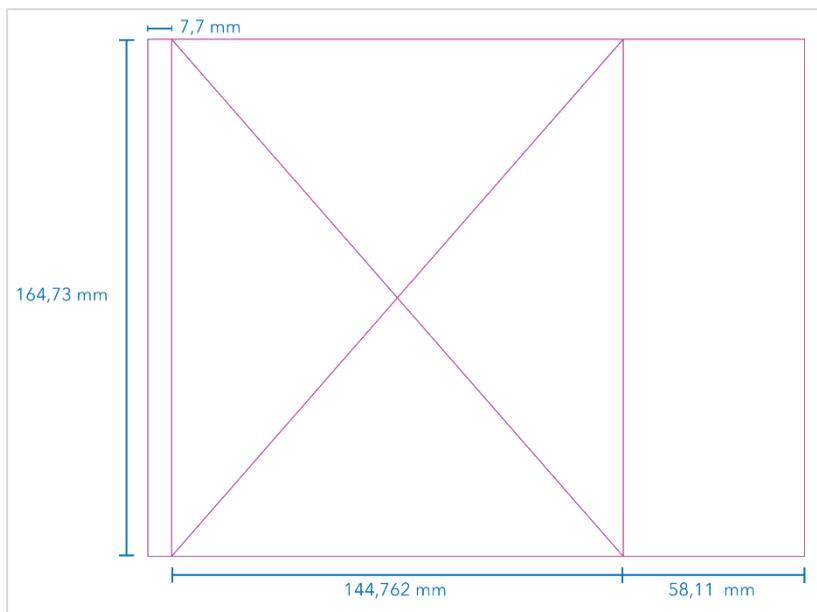


Fonte: Desenvolvido pelo autor

3.7.2. Elementos técnicos

Em relação ao tamanho, a capa e a contra capa do livro seguiram as mesmas dimensões do miolo, de 144,762 mm por 164,73 mm. As orelhas tiveram dimensões de 58,11 mm e a lombada 7,7 mm. A dimensão total final da capa foi de 413,456 mm por 164,73 mm.

Figura 55 - Dimensões da capa



Fonte: Desenvolvido pelo autor

A lombada do livro foi decidida no formato quadrado com encadernação em costura. Essa decisão foi tomada para dar ao livro maior durabilidade. Além disso, a encadernação com costura permite uma abertura maior, tornando as margens internas mais aparentes. Como o capítulo de lembranças possuem imagens atravessadas entre as páginas essa decisão é também coerente com o layout.

A impressão da capa será feita em quadricromia em papel couchê 300g, que permite uma boa renderização dos efeitos e filtros presentes na capa, além de ser firme o suficiente para manter uma boa durabilidade para o livro.

3.8 Prototipação

Com todos os elementos do livro concluídos, é interessante o resultado da materialização do projeto antes de ir para a produção. Nesse sentido foi desenvolvido um protótipo de alta fidelidade com as mesmas especificações técnicas do produto original, porém, impresso em impressão digital. O protótipo permitiu avaliar se os requisitos do projeto foram atendidos, bem como a qualidade das renderizações no suporte definido.

Além disso, foram desenvolvidos *mock-ups* do livro, que são representações digitais do produto. Os *mock-ups* poderão ser utilizados como forma de apresentação da ideia nos editais de captação de recursos para a produção do livro.

Figura 56 – *Mock-up* do livro fechado



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 57 - Mock-up do livro aberto



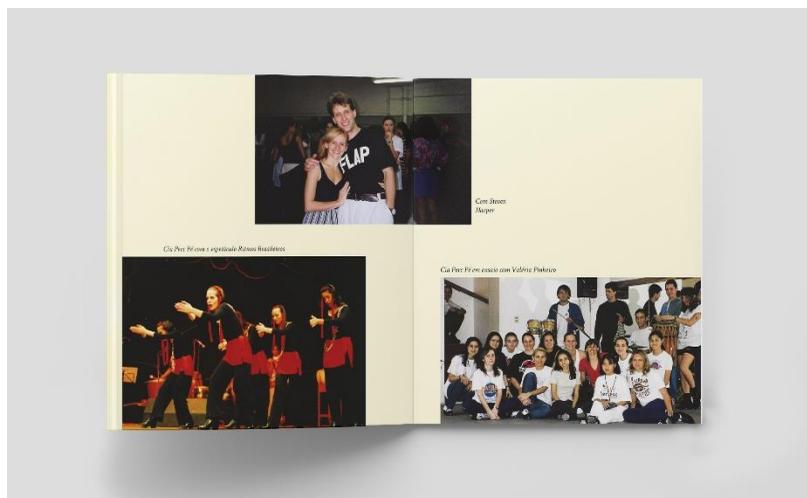
Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 58 - Mock-up do capítulo sobre pessoas do sapatado



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 59 - *Mock-up* do capítulo sobre lembranças



Fonte: Desenvolvido pelo autor

4 CONCLUSÃO

Com a término deste projeto, conclui-se que todo o processo de pesquisa e análise é fundamental ao designer na hora da criação. A metodologia design thinking se mostrou eficiente no contexto deste projeto, que auxiliou não somente o designer no seu processo criativo, mas toda a organização projetual de criação de conteúdo com a autora do livro.

Também nota-se a necessidade da presença de uma liderança para utilizar o design thinking em um contexto que a equipe não é habituada com o processo e metodologia de design. No caso da concepção deste trabalho, o autor deste documento, por estar familiarizado com a metodologia, assumiu o papel de líder. Foi necessário trabalhar com a resolução de problemas que envolviam toda a concepção do livro relacionadas a áreas não necessariamente associadas ao fazer do designer, que envolviam o conteúdo textual e a organização de prazos, por exemplo.

Outro ponto a se destacar foi aprender a se trabalhar com os recursos disponíveis. Para o bom andamento do projeto e motivação da equipe, é interessante sempre dar andamento ao projeto mesmo se existem tarefas com dependência uma da outra. É interessante para a equipe, encontrar maneiras de realiza-las paralelamente, para que o andamento do projeto não seja prejudicado. Nesse sentido, o líder do projeto precisa sempre adiantar os possíveis empecilhos que possam ocorrer e ter alternativas em mente para não bloquear o desenvolvimento do projeto.

Em relação a fase criativa do trabalho, o método de estruturação do projeto gráfico de Castro e Souza (2018) foi fundamental para criação do impresso. A organização estrutural a partir da tipografia e os diagramas gerados tornaram a fase de diagramação versátil e ágil com um bom resultado estético. O resultado final do material atendeu as expectativas de projeto e do briefing de criação, que foi criado junto com a autora do livro.

A pesquisa e análise sobre o tema de forma imersiva tornou possível a constatação de que a história do sapateado brasileiro é de difícil acesso e que projetos com o intuito de disseminar e preservar informações são de extrema importância para que a história seja registrada e preservada.

4.1. Desdobramentos futuros

A materialização e distribuição do livro concebido durante esse projeto necessitará da captação de fundos por meio de editais. Nesse sentido, será imprescindível a divulgação do projeto entre comunidade do sapateado para adquirir os recursos necessários. Também se avalia a possibilidade de criar uma versão digital deste material, a fim de torná-lo mais acessível ao público.

REFERÊNCIAS

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. **Design Thinking**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. **Fundamentos de Design Criativo**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

BAXTER, Mike. **Projeto de produto** – Guia prático para o design de novos produtos. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2000.

BROWN, Tim. **Design Thinking**: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

CERETTA, S. B.; FROEMMING, L. M. **Geração Z: compreendendo os hábitos de consumo da geração emergente**. RAUnP - Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Administração da Universidade Potiguar, v. 3, n. 2, art. 2, p. 15-24, 2011.

CASTRO, Luciano Patrício Souza de; SOUSA, Richard Perassi Luiz de; **Estruturação de Projetos Gráficos**. Curitiba: Appris, 2018.

FURTADO, André. **Projeto Visual III – Projeto Editorial – Conceitos básicos de tipografia orientados para projeto editorial**. UFRGS – Apostila complementar – Tipografia, p.3, 2009.

LEWIS, Lisa. **Sapateado Fundamentos e Técnicas**. Barueri: Manole, 2016.

LOMBARDIA, P.G. (2008) **Quem é a geração Y?**. HSM Management, No. 70, 1-7.

LUPTON, Ellen. **Novos Fundamentos do Design**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LUPTON, Ellen. **Intuição, ação, criação**. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

LUPTON, Ellen. **Tipos na tela**: uma guia para designers, editores, tipógrafos, blogueiros e estudantes. São Paulo: G. Gili, 2015.

MACHADO, Amália; SALLES, Flávio. **A Arte do Sapateado**. Rio de Janeiro: Editora Addresses, 2003.

MEÜRER, Mary Vonni. Seleção Tipográfica no Contexto do Design Editorial: um modelo de apoio à tomada de decisão. 222 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Design, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

PAZMINO, Ana Verônica. **Como se Cria: 40 métodos para design de produto**. São Paulo: Blucher, 2015.

PHILLIPS Peter L. **Briefing: a gestão do projeto de design**. São Paulo: Blucher, 2007.

SAMARA Timothy. **Guia do design editorial: manual prático para o design de publicações**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

UNGER, Gerard. **Enquanto você lê**. Brasília: Estereográfica, 2016.

APÊNDICE A – Pergunta dos questionário**SEÇÃO 1**

1) Sexo:

- masculino
- feminino

2) Idade:

- até 16 anos
- 17 a 23 anos
- 24 a 37 anos
- 38 a 50 anos
- mais de 51 anos

3) Qual modalidade de dança você pratica? (você pode marcar mais de uma opção)

- Ballet
- Jazz
- Dança de Salão
- Sapateado
- Samba
- Dança Contemporânea
- Danças urbanas
- Outros

4) Você se considera engajado com a(s) modalidade(s) de dança que você pratica? (Vai a eventos, treina com frequência, participa de projetos, dá aulas, etc.)

- Não engajado
- Pouco engajado
- Engajado
- Muito engajado

5) A quanto tempo você dança?

- menos de um ano
- 1 ano
- 2 anos
- 3 a 4 anos
- 5 a 6 anos
- 7 a 10 anos

- 11 a 15 anos
- 16 anos ou mais

6) Você tem o hábito de ler?

- Sim
- Sim, porém leio com pouca frequência
- Não

7) Você já leu livros relacionados a dança?

- Sim
- Sim, porém li poucos
- Não, e não tenho interesse
- Não, mas tenho interesse em ler

8) Você tem conhecimento das origens, história e desenvolvimento da modalidade de dança que você pratica?

- Sim
- Não
- Vagamente

SEÇÃO 2

Se a pergunta 8 for respondida com sim ou vagamente

1) Você realizou pesquisas para adquirir essas informações (origem, história e desenvolvimento)?

- Sim
- Não

2) Foi fácil encontrar essas informações?

- Sim
- Não

3) Onde você buscou essas informações? (fecha o questionário)

- Livros
- Revistas
- Internet
- Cursos/Workshops
- Outros

SEÇÃO 3

Se a pergunta 8 for respondida com não

1) Você tem interesse em adquirir esse conhecimento?

Sim

Não (acaba o questionário)

Talvez

7) Onde você buscaria essas informações? (fecha o questionário)

Livros

Revistas

Internet

Cursos/Workshops

Outro

Fonte: Desenvolvido pelo autor